



ARAUTOS DO EVANGELHO

Nº 281 - Outubro 2026

Ide pelo mundo inteiro...

Flashes
de Fátima



Evangelizador e provedor

Anchieta parecia possuir o dom divino de dominar os elementos. [...]

Na Bahia, certa vez, como lhe informassem que o colégio não tinha o que comer, pois o tempo se tornara desfavorável à pesca, fez vir Anchieta à sua presença o lançador das redes e de uma janela lhe mostrou determinado canto da baía onde deveria arremessar as tarrafas para a pesca. Obedeceu o pescador e foi bem-sucedido. Num único lançamento colheu tantos e tão preciosos peixes, que deu não só para acudir as necessidades do colégio senão também para ser repartido entre os muito necessitados.

De outra ocasião, encontrando-se em visita a uma aldeia de índios, no Espírito Santo, soube por eles que andavam esfomeados, pois o tempo não se prestava para pescarias. Animou-os Anchieta e os conduziu a uma praia onde o mar esbravejava, nada indicando que se pudesse colher qualquer pescado.

— Que peixes desejais? – perguntou-lhes Anchieta.

E eles, em tom zombeiro, sabendo por experiência que nada colheriam para alimento, responderam:

— Xaréus!

Eram os xaréus os mais raros e apetecíveis peixes dos indígenas, mas impossíveis de serem encontrados naquela época.

— Jogai as vossas redes! – intimou Anchieta.

Eles jogaram. E tanto peixe colheram, especialmente xaréus, que se julgaram na presença de um caso sobrenatural. Adoraram ainda mais o sacerdote que já lhes infundia o respeito de pajé. Passaram a chamá-lo *Senhor da pesca*. E traziam-lhe as redes, para que as benzesse, quando se iam a explorações distantes.



São José de Anchieta, por Benedito Calixto - Museu do Ipiranga, São Paulo; abaixo, Praia Barra do Gil - Itaparica (BA)

TOMÁS, Joaquim. *Anchieta, o apóstolo do Brasil*.

Dois Irmãos: Minha Biblioteca Católica, 2020, p.173-174

Flashes de Fátima

Revista da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXVIII nº 281 - Outubro 2026

Director:

Manuel Silvío de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. João XXI, 11 - 1º Esq.
1000-298 Lisboa
N.º ERC. 120.975
Dep. Legal nº 112719/97
ISSN 3051-6757

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
<http://custodiosdemaria.pt/flashsdefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 10.000 exemplares

SUMÁRIO

➤ PERGUNTAM OS LEITORES	4
➤ EDITORIAL	
"Para Ele são todas as coisas"	5
➤ A VOZ DOS PAPAS	
Mãe de todos os povos	6
➤ A LITURGIA DOMINICAL	
O perigo vem de dentro, e a solução também	8
Entremos no verdadeiro eixo	9
Mais importante do que a moeda é a imagem!	10
O maior dos mandamentos	11
➤ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Evangélizar a toda criatura	12
➤ TEMA DO MÊS – EVANGELIZAÇÃO	
Uma só Igreja, uma só missão	16
As reduções jesuíticas – A "terra sem mal"	20
➤ SÃO TOMÁS ENSINA	
De pecadora a evangelizadora	23
➤ ESPIRITUALIDADE CATÓLICA	
Gabrielle Bossis – "Fala comigo, pequena alma"	24
➤ O QUE DIZ O CATECISMO?	
Testemunho autêntico e fiel	27
➤ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
Pe. Matteo Ricci – O apóstolo da China	28
O descobrimento da América – Esperança e desânimo duelam no Atlântico	32
➤ VOCÊ SABIA... ..	35
➤ VIDA DOS SANTOS	
São Pedro de Alcântara – Santidade heroica ou heroísmo na santidade	36
➤ DONA LUCILIA	
"Viver é estar juntos, olhar-se e querer-se bem"	40
➤ ARAUTOS NO MUNDO	42
➤ ESPLENDORES DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ	
Castelo de Chambord – Magnífico crepúsculo da Idade Média	46
➤ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Cartas que revelam a alma católica	50



GFrehalter (CC by-sa 3.0)

12 "Ide e fazei discípulos de todas as nações"



Reprodução

20 Qual o segredo das reduções jesuíticas?



Reprodução

24 Atriz, dramaturga e... mística!



Francisco Leazaros

46 Um castelo de sonhos, envolto em mistério

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

Noto que certas pessoas utilizam palavras de baixo calão, justificando que elas podem ser usadas em caso de necessidade, por exemplo, para dar mais ênfase a um argumento. Alguns dizem ainda que não há nada na Bíblia a esse respeito. Confesso que estou um pouco confuso, pois meus pais sempre me proibiam usar tais palavras. Poderia me ajudar a entender isso?

José C. Fernandes – Ouro Preto (MG)

As Sagradas Escrituras reprovam as palavras de baixo calão, como ensina São Paulo na Epístola aos Efésios: “Nenhuma *palavra má* saia de vossa boca, mas só a que for útil para a edificação, sempre que for possível, e benfazeja aos que ouvem. Não contristeis o Espírito Santo de Deus, com o qual estais selados para o dia da Redenção. Toda amargura, ira, indignação, gritaria e calúnia sejam desterradas do meio de vós, bem como toda malícia” (4, 29-31).

Antes desse trecho, o Apóstolo já havia exortado os cristãos a despojar-se do homem velho, a renunciar à vida passada e a se renovar interiormente, revestindo-se do homem novo, criado à imagem de Deus (cf. Ef 4, 22-24). Por isso, o abandono da linguagem soez, grosseira e indecente faz parte do processo de conversão do cristão, sob pena de contristar o Paráclito.

De fato, as palavras indecorosas costumam expressar pensamentos iracundos, luxuriosos ou vulgares, indignos de um verdadeiro discípulo de Nosso Senhor Jesus Cristo, que deve distinguir-se por um vocabulário límpido e elevado, testemunhando assim sua caridade e sua pureza, pois “a língua fala daquilo de que o coração está cheio” (Lc 6, 45). A terrível disseminação da má linguagem é sintoma muito significativo da crise moral que assola o mundo. Notamos cada vez mais, em ambientes públicos e privados, o emprego de expressões impudicas e destituídas de recato, que muitos até se ufanam de utilizar.

Em Deus, ser e palavra são uma só realidade. O Verbo – afirma São João – estava em Deus e era Deus (cf. Jo 1, 1).

Para os homens, porém, parece não ser assim; a palavra por vezes se diferencia do ser em virtude de várias circunstâncias, embora isso não seja o ideal. Criados à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26-27), devemos buscar a harmonia entre aquilo que somos e aquilo que exprimimos, de modo que em nós resplandeça algo de nosso Artífice. A integridade, aponta o *Catecismo da Igreja Católica*, “não tolera nem a duplicidade da vida, nem a da linguagem” (CCE 2338).

Há ainda outro motivo para considerar a gravidade de se recorrer a grosserias a fim de exprimir-se habitualmente, em momentos de cólera ou de agitação. Os chamados “palavrões” costumam ser impudicos, por se referirem a realidades relacionadas ao âmbito do Sexto Mandamento da Lei de Deus.

São Paulo ensina ainda na Carta aos Efésios: “Nada de obscenidades, de conversas tolas ou levianas, porque tais coisas não convêm” (5, 4). A vulgaridade e a luxúria presentes nas palavras impuras mancham e desfiguram a alma de quem as pronuncia e, de certo modo, ferem também a dignidade de quem as ouve. A expressão oral reflete o interior do coração, e ao mesmo tempo o molda e o influencia. Por isso, a linguagem indecorosa representa um atentado ao “templo de Deus” (I Cor 3, 16) que é o homem. E por esse motivo São Paulo a censura com tanta severidade.

Por fim, convém ressaltar que ter uma linguagem respeitosa, digna e elevada é parte indispensável da boa educação cristã, da cortesia e do apostolado. ✚



“Primeira Missa no Brasil”, por Victor Meirelles - Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro

Foto: Reprodução

“PARA ELE SÃO TODAS AS COISAS”

O Divino Artífice criou o céu e a terra como expressão de sua infinita bondade. De suas mãos, as criaturas procederam ordenadamente, com “medida, número e peso” (Sb 11, 20). No cume do universo, Ele fez o homem à sua imagem e semelhança, cujo espelho perfeitíssimo é o Verbo Encarnado, enviado ao mundo por puro amor (cf. Jo 3, 16).

O envio do Filho tem manifesta finalidade, conforme as suas palavras: “Eu nasci e vim ao mundo para isto: para dar testemunho da verdade” (Jo 18, 37). Com efeito, “Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (I Tm 2, 4). Nesse mesmo sentido, leciona o *Catecismo da Igreja Católica*: “Deus quer a salvação de todos, mediante o conhecimento da verdade. A salvação está na verdade. Os que obedecem à moção do Espírito da verdade estão já no caminho da salvação” (CCE 851). Fora da verdade, não há salvação.

Ao elevar-se aos Céus, o Redentor confiou aos Apóstolos a missão de participar dessa irradiação da verdade: “Ide, pois, e fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19). Por isso, a Igreja estende-se a todos os recantos do orbe em virtude de sua própria catolicidade – católico significa *universal*.

Destarte, a Igreja é também intrinsecamente *missionária*, no sentido mais radical do termo – *missio* significa *envio*. E para que é enviada? Responde ainda o *Catecismo*: “O fim último da missão consiste em fazer todos os homens participantes na comunhão existente entre o Pai e o Filho, no Espírito de amor” (CCE 850). A missão participa, portanto, das próprias relações trinitárias: “Como o Pai Me enviou Eu também vos envio” (Jo 20, 21).

Na Ascensão, Jesus prometeu, outrossim, que estaria conosco até o fim dos tempos (cf. Mt 28, 20). O Espírito Santo continua a ser enviado a toda a terra e o Evangelho proclamado “a toda criatura” (Mc 16, 15), a fim de que todas as coisas sejam recapituladas em Cristo (cf. Ef 1, 10).

Isso significa que a evangelização, cuja meta última consiste na recondução da humanidade ao Pai, é direcionada a todas as realidades. Tudo procede do amor mútuo das Pessoas da Trindade – *exitus* – e a esta origem há de retornar – *reditus*. Em razão disso, o apostolado precisa efetivamente ir ao encontro dos povos não apenas pela pregação – essencial, por certo, pois “a fé entra pelos ouvidos” (Rm 10, 17) –, mas também pela constituição de uma genuína civilização católica, a fim de permear com o Preciosíssimo Sangue de Cristo a *toda criatura*.

Enquanto as cidades terrenas cobiçam apenas o domínio – “*dominandi libido*” (Santo Agostinho. *A Cidade de Deus*, prefácio) –, a Igreja em via para a Pátria aspira refletir sempre mais a Igreja Triunfante. Ela é imaculada e puríssima (cf. Ef 5, 27), como a Virgem Maria, mas ainda precisa viver aqui em combate – é militante por natureza –, cuja vitória plena consumir-se-á apenas no Juízo Final.

Por ora, a Igreja não mede esforços em singrar os mares, embrenhar-se em florestas e cruzar os ares para reconduzir absolutamente tudo a Cristo: não apenas as pessoas, mas também a vida social, as artes, os ambientes, os costumes... tudo. Nada fica de fora, pois “d’Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas” (Rm 11, 36). ✠



Mãe de todos os povos

Desde os albores da Redenção, a Igreja dedicou-se a escrever, com as letras do Evangelho, a História de todos os povos que sob seu manto se congregaram.

MISSÃO PERPETUADA AO LONGO DOS SÉCULOS

A grande e sublime missão que Nosso Senhor Jesus Cristo, quando estava para regressar ao Pai, confiou aos seus discípulos ao dizer-lhes “ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura”, não podia terminar com a morte dos Apóstolos, mas devia continuar, através dos seus sucessores, até ao fim dos tempos, isto é, enquanto existirem na terra pessoas para salvar pelo ensino da verdade. [...]

A Igreja de Deus, fiel ao mandato divino, nunca deixou, através dos tempos, de enviar a todo o mundo arautos e ministros da Palavra Divina que anunciassem a salvação eterna alcançada por Cristo para o género humano.

BENTO XV.
Maximum illud, 30/11/1919

FRUTOS QUE PERDURAM

A primeira evangelização estendeu-se sobretudo à região do Mediterrâneo. No decorrer do primeiro milénio, as missões, partindo de Roma e de Constantinopla, levaram o Cristianismo a todo o continente europeu. Contemporaneamente, aquelas dirigiram-se para o coração da Ásia, até à Índia e à China.

O fim do século XV, com a descoberta da América, marcou o início da evangelização naquele grande continente, ao sul e ao norte. Pelo mesmo

tempo, as costas subsaarianas da África acolheram a luz de Cristo, e São Francisco Xavier, padroeiro das missões, chegou ao Japão.

Na passagem do século XVIII para o XIX, um leigo, André Kim, levou o Cristianismo para a Coreia; naquela época, o anúncio evangélico atingiu a Península da Indochina, como também a Austrália e as ilhas do Pacífico. O século XIX registou grande atividade missionária entre os povos da África. Todas estas obras deram frutos que perduram até hoje.

SÃO JOÃO PAULO II. *Tertio millennio adveniente*, 10/11/1994

VERDADEIRA MÃE DE TODOS OS POVOS E NAÇÕES

A Igreja é Mãe – *Sancta Mater Ecclesia* – uma verdadeira Mãe, Mãe de todas as nações e de todos os povos, não menos que de todos e cada um dos homens; e precisamente por ser Mãe não pertence nem pode pertencer exclusivamente a este ou àquele povo, nem tampouco a um povo mais nem a outro menos, senão a todos igualmente.

É Mãe e, por conseguinte, não pode ser estrangeira em nenhuma parte. Vive, ou ao menos, por razão da sua natureza, deve viver em todos os povos; e, além disso, enquanto a mãe, com seu esposo e seus filhos forma uma família, a Igreja, em virtude de uma união incomparavelmente mais estreita, cons-

titui o que é mais e melhor do que uma família: o Corpo Místico de Cristo.

PIO XII.
Discurso, 24/12/1945

A IGREJA É VERDADEIRAMENTE CATÓLICA

Ninguém é estranho ao seu coração materno. Ninguém é indiferente ao seu ministério. Ninguém, se não quer, é seu inimigo. Não é em vão que a Igreja se diz católica. Não é em vão que está encarregada de promover no mundo a unidade, o amor e a paz.

A Igreja não ignora as dimensões formidáveis da sua missão; conhece a desproporção estatística dos seus membros com a totalidade dos habitantes da terra; conhece o limite das suas forças; conhece até as suas fraquezas humanas, os seus erros; sabe também que a aceitação do Evangelho não depende, em última análise, de algum esforço apostólico seu, de alguma circunstância favorável de ordem temporal. A fé é dom de Deus, e só Deus marca no mundo os caminhos e as horas da salvação.

Mas ela sabe, por outro lado, que é semente, fermento, sal e luz do mundo. Dá-se conta da surpreendente novidade dos tempos modernos; mas com ingênua confiança debruça-se sobre os caminhos da História e diz aos homens: “Eu tenho aquilo que vós procurais, aquilo de que sentis falta”. Não promete a felicidade na terra, mas oferece alguma coisa, a sua



Reprodução

A Igreja de Deus, fiel ao mandato divino, nunca deixou de enviar a todo o mundo arautos e ministros da Palavra Divina, que anunciassem a salvação eterna alcançada por Cristo para o gênero humano

“São Junípero Serra celebra Missa em Monterey”, por León Troussset -
Museu da Missão São Carlos Borromeu do Rio Carmelo, Carmel-by-the-Sea (Estados Unidos)

luz e a sua graça, para a conseguirmos, no que é possível. Depois, aponta aos homens o destino transcendente, ao lhes falar de verdade, justiça, liberdade, progresso, concórdia, paz e civilização. Palavras estas, de que a Igreja conhece o segredo; confiou-lho Cristo.

SÃO PAULO VI.
Ecclesiam suam, 6/8/1964

A IGREJA NÃO REPRIME, MAS SANTIFICA OS COSTUMES PARTICULARES

A Igreja, desde a origem até hoje, sempre seguiu a norma prudentíssima de não permitir que o Evangelho destruía, nos vários povos que o recebem, qualquer parcela da bondade e beleza que enriquece a índole e o gênio de cada um. A Igreja, quando civiliza os povos sob a inspiração da religião cristã, não procede como quem corta, lança por terra e extermina uma floresta luxuriante, mas sim como quem enxerta árvores bravas com qualidades escolhidas, para que elas venham a dar frutos mais saborosos e sazonados. [...]

Por isso, a Igreja Católica não desprezou nem lançou fora as doutrinas dos pagãos, mas, pelo contrário, purificou-as de todo erro e impureza,

desenvolveu-as e aperfeiçoou-as com a sabedoria cristã. Assim fez também com as artes e a cultura, que a tão alto grau tinham chegado entre alguns povos: recebeu-as acolhedora, desenvolveu-as com afã e elevou-as a um apogeu talvez nunca atingido. Os costumes particulares dos povos, não os reprimiu violentamente nem as suas instituições tradicionais, mas tudo santificou; e até, embora transformando o espírito e o conteúdo dos dias festivos, soube aplicá-los à celebração das memórias dos mártires e dos sagrados mistérios.

PIO XII.
Evangelii praecones, 2/6/1951

COMO FAVORECER O PROGRESSO DE UM POVO?

O progresso de um povo não deriva primariamente do dinheiro, nem dos auxílios materiais, nem das estruturas técnicas, mas sobretudo da formação das consciências, do amadurecimento das mentalidades e dos costumes. [...] A Igreja educa as consciências, revelando aos povos aquele Deus que procuram sem O conhecer, a grandeza do homem criado à imagem de Deus e por Ele amado, a igualdade de todos os homens enquanto filhos de Deus, o domínio sobre a

natureza criada e posta ao serviço do homem, o dever de se empenhar no progresso do homem todo e de todos os homens.

Com a mensagem evangélica, a Igreja oferece uma força libertadora e criadora de desenvolvimento, exatamente porque leva à conversão do coração e da mentalidade.

SÃO JOÃO PAULO II.
Redemptoris missio, 7/12/1990

QUE O MUNDO RECONHEÇA EM CRISTO A LUZ QUE SALVA

Pai santo, concedei-nos ser um em Cristo, enraizados no seu amor que une e renova. Fazei que todos os membros da Igreja sejam unidos na missão, dóceis ao Espírito Santo, corajosos no testemunho do Evangelho, anunciando e encarnando todos os dias o vosso amor fiel por cada criatura. Abençoai os missionários e as missionárias, sustentai-os no seu esforço, guardai-os na esperança! Maria, Rainha das missões, acompanhai a nossa obra evangelizadora em todos os cantos da terra: tornai-nos instrumentos de paz e fazei que o mundo inteiro reconheça em Cristo a luz que salva. Amém.

LEÃO XIV.
Mensagem, 25/1/2026



4 de outubro – XXVII Domingo do Tempo Comum

(Is 5, 1-7; Sl 79; Fl 4, 6-9; Mt 21, 33-43)

O perigo vem de dentro, e a solução também



Pe. Felipe de Azevedo Ramos, EP

*As maiores
ameaças à
vinha de
Deus não
são externas,
mas brotam
do coração
dos próprios
vinhateiros*

Terça-feira, Semana Santa. O Redentor lança uma incisiva parábola aos sumos sacerdotes e anciãos do povo, na tentativa de demovê-los de suas iniquidades. Narra a história de uma vinha – figura da “casa de Israel” (Is 5, 7) e prenúncio da Igreja – arrendada a vinhateiros.

À primeira vista, a alegoria parece sugerir que o maior perigo para o vinhedo seja a infiltração de ladrões. Para repeli-los, a plantação é guarnecida por cercas, alusão ao poderoso amparo do exército angélico. Tais sebes, porém, são insuficientes: os salteadores são ladinos e não medem esforços para inocular-se à sorrelfa no campo. É mister também levantar uma torre de guarda. Eis a eterna advertência: “Vigiai e orai para não cairdes em tentação” (Mt 26, 41), pois Eva, Sansão, Davi e muitos outros sucumbiram pela falta de vigilância.

Nesse cenário, tudo promete prosperidade: as “videiras escolhidas” (Is 5, 2) estão resguardadas por cercas, atalaias e sentinelas, o terreno está desbastado e o lagar produz os melhores vinhos. Agora é possível viajar para o estrangeiro: os vinhateiros cuidarão da vindima e tudo andrà bem...

Mas não. O proprietário – Deus – delega a responsabilidade da vinha a alguns escolhidos. Estes, entretanto, apoderam-se dela e maltratam os seus emissários. Por fim, como derradeiro recurso, esse pai de família envia o próprio filho, a fim de recolher os frutos. A continuação resulta espantosa: os vinhateiros o recebem com inaudita truculência, à virga-férrea até a morte, como vaticínio da Paixão Redentora que sobreviria poucos dias depois.

Assim, o Divino Mestre sugere que a principal ameaça a sua vinha não provém dos inimigos externos, mas dos internos, sobretudo daqueles a quem se confiou responsabilidades. Não são os Dioclecianos e suas perseguições que mais afligem a Igreja; nem os Robespierres e suas guilhotinas; tampouco os Stalins e seus *gulags*. A ameaça mais grave reside nos traidores de dentro. Entre eles, o mais funesto é aquele que trai a si mesmo. Judas fora chamado desde o início para ser ministro de Deus, agricultor da vinha. Antes de atrair Jesus, porém, traiu a sua própria vocação. Por isso, melhor seria que não tivesse nascido (cf. Mt 26, 24)...

A conclusão da parábola evidencia o dinamismo da graça, jamais desperdiçada: o Reino de Deus é subtraído do Sinédrio – vinhateiros infieis – e entregue ao novo povo eleito “que produzirá frutos” (Mt 21, 43), ou seja, aos batizados, participantes da própria invencibilidade da Igreja.

E os inimigos da vinha? Sairão ilesos? A resposta emana dos lábios do Salvador – pedra rejeitada pelos construtores – no versículo sucessivo ao trecho deste domingo: “Quem cair sobre essa pedra ficará despedaçado, e sobre quem ela cair, ela o esmagará” (Mt 21, 44). Cristo e seu Corpo Místico não só resistem aos inimigos; reduzem-nos ao pó.

Se Judas tivesse recorrido ao maternal auxílio da Santíssima Virgem, outra seria a história. Ela é a “torre de guarda” que não só nos vigia e nos cerca de carinho e proteção, mas esmaga em todo tempo a cabeça da Serpente (cf. Gn 3, 15). Unidos a Ela, o triunfo sobre os inimigos – inclusive os mais internos – estará sempre garantido! ✨



Parábola dos vinhateiros infiéis -
Museu de Arte Religiosa, Cusco (Peru)

Entremos no verdadeiro eixo



✠ Pe. Isoldino José Quintão e Silva, EP

No vasto teatro da criação, desde o macrocosmo até o microcosmo – o homem –, tudo orbita em torno de um eixo. Desse princípio derivam expressões correntes como “fora dos eixos”, “entrar nos eixos”, “manter-se nos eixos”. Que o mundo padece de uma crise fulcral – estando, em boa medida, “fora dos eixos” – e que urge uma intervenção divina para reconduzi-lo “aos eixos” é verdade que dispensa demonstração!

A parábola do banquete nupcial parece espelhar a desordem do mundo atual: uns não dão atenção ao convite do rei, outros espancam seus embaixadores e os matam, um homem penetra no recinto sem a veste apropriada.

Embora a função primária do alimento seja a manutenção da vida e da saúde física, ele possui, em um plano superior, a capacidade de fomentar o convívio humano e a prática da virtude. Na Sagrada Escritura, o Reino dos Céus é comparado inúmeras vezes a um banquete. E a Divina Providência quis que a nossa necessidade de alimento nos preparasse para o Banquete Eucarístico, no qual o próprio Jesus Se nos oferece como pão para sustento de nossas almas.

Durante milênios o Divino Artista trabalhou na restauração de sua obra-prima, desfigurada pela desobediência de nossos primeiros pais, preparando providencialmente as núpcias de seu Filho com a humanidade. Após a queda, em cuja raiz estava o fruto proibido (cf. Gn 2, 16-17), o Senhor educou

o povo através de diversos sinais sensíveis, como o maná e os sacrifícios rituais. Na “plenitude dos tempos” (Ef 1, 10), quando a iniquidade chegou ao extremo de pretender eliminar o próprio Deus, Ele formou a Nova Eva, capaz de conceber o Verbo Eterno. É neste momento que, por intermédio de Maria Santíssima, a Mãe da Graça, a Trindade ofereceu aos batizados os frutos renovados da vida e da ciência divina.

Com a Eucaristia, Cristo franqueia aos filhos de Adão o “Pão da Vida”

(Jo 6, 51), prefigurado pelo fruto da “árvore da vida”

(Gn 3, 24) no Paraíso Terrestre e prometido ao vencedor no Apocalipse (cf. Ap 2, 7).

Na parábola, a veste nupcial designa a alva túnica batismal, que precisamos conservar sem mancha pela retidão de vida, pela prática das boas obras e pela observância dos Mandamentos. No banquete da Santa Missa, quando Cristo dá a Si próprio em alimento (cf. Mt 26, 26), recebemos as graças necessárias para alcançar tão elevada meta.

Cumpra, pois, aproximarmo-nos da Eucaristia com as devidas disposições, pois São Paulo adverte que comer indignamente a Carne de Cristo e beber indignamente seu Sangue é comer e beber a própria condenação (cf. I Cor 11, 27-29). Se o Sacramento do Altar for o centro de nossa existência, tudo voltará “aos eixos”: em primeiro lugar, a nossa alma e, em consequência, tudo o que com ela se relaciona na ordem do universo. ✠



Parábola do banquete nupcial, por Dirck Dircksz. Santvoort - Museu do Convento Santa Catarina, Utrecht (Países Baixos)

A parábola do banquete nupcial parece espelhar certa desordem do mundo atual. Como colocá-lo “nos eixos”?

Mais importante do que a moeda é a imagem!



Pe. Thiago de Oliveira Geraldo, EP

Enquanto fariseus e herodianos disputam a moeda do imposto, Jesus lhes mostra que o mais importante é compreender a imagem nela gravada

Aquele que passou a vida fazendo o bem (cf. At 10, 38) está agora travando as últimas lutas antes da Redenção. O ódio contra Ele alcança um auge, manifestado nesta Liturgia dominical com palavras adocicadas: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e que, de fato, ensinas o caminho de Deus” (Mt 22, 16). Os autores dessa artimanha são os fariseus que, ao enviarem seus discípulos para enredar Jesus em alguma contradição, aliam-se a seus inimigos políticos, os herodianos.

Os fariseus almejavam a libertação de toda autoridade civil sobre o povo eleito; os herodianos, ao contrário, haviam se acomodado à tributação romana. Jesus encontra-Se, assim, entre dois grupos que, a despeito de suas divergências, convergem no anseio de eliminá-Lo.

Ao apresentarem um problema de consciência a Nosso Senhor – “É lícito ou não pagar imposto a César?” (Mt 22, 17) –, buscam encurralá-Lo. Na visão farisaica, o imposto é devido a Deus, não a imperadores. Se Jesus defendesse o pagamento, incorreria em ódio popular, sendo reputado falso profeta; se o desaconselhasse, tornar-Se-ia réu de insurreição contra a autoridade romana.

A sutileza da pergunta, ocultada pela máscara da hipocrisia, exige uma resposta prodigiosamente perspicaz. A simplicidade divina se limita a pedir o objeto em litígio: “Mostrai-Me a moeda do imposto!” Levaram-Lhe a moeda” (Mt 22, 19).

Naquela época, os romanos concediam aos povos subjugados o favor de cunhar as próprias moedas em cobre, apresentadas com figuras animais ou vegetais; no entanto, as moedas de prata – as únicas aceitas para o pagamento do tributo – circulavam em todo o império e ostentavam a efígie de César, coroada de louros.

A verdade dos fatos é a resposta perfeita de Nosso Senhor, pois se, em teoria, os fariseus repudiavam o imposto a César, na prática utilizavam sua moeda sem escrúpulos... Uma hipocrisia atrás de outra! A sentença definitiva do Divino Mestre ecoa pelos séculos: “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mt 22, 21).

Esse ensinamento divino cruzará os séculos, pois estabelece a necessária concórdia entre a ordem civil e a eclesiástica: ambas derivam de Deus e devem convergir para o bem comum, atendendo as necessidades espirituais e materiais da sociedade. Essa harmonia principia dentro de nós, pois levamos gravadas em nosso ser tanto a imagem de César, manifestada em nossas necessidades físicas, quanto a imagem de Deus, conforme revelado no início da criação: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1, 26).

Se choramos ao perder uma moeda valiosa, não deveríamos também lamentar quando desfiguramos a imagem de Deus cunhada em nossa alma? Bem sintetiza Santo Agostinho: “Como César busca a sua imagem em sua moeda, assim Deus busca a sua em tua alma. ‘Dai a César’, disse, ‘o que é de César’. O que César te pede? Sua imagem. O que Deus te pede? Sua imagem. Porém, a de César está na moeda, a de Deus está em ti”.¹ ✠

¹ SANTO AGOSTINHO DE HIPONA. *Sermão 113A*, n.8.



“A moeda do tributo”, por Leopold Layer - Galeria Nacional da Eslovênia, Liubliana; em destaque, áureo de Tibério, moeda romana da época de Nosso Senhor



O maior dos mandamentos



Pe. Hamilton José Naville, EP

Neste domingo a Liturgia nos oferece um trecho do Evangelista São Mateus, no qual se narra um encontro entre Jesus Cristo e os fariseus. Não era a primeira vez que procuravam fazê-Lo cair em alguma armadilha. Apesar de tantas censuras recebidas, apresentam-se novamente diante do Redentor para Lhe perguntar: “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” (Mt 22, 36).

São Tomás de Aquino comenta que, além de caluniosa, a questão era presunçosa, pois “não se deveria perguntar sobre o grande quem não cumpriu o mínimo”.¹ Nosso Senhor então responde: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento!” Esse é o maior e o primeiro mandamento” (Mt 22, 37-38). Acerca disso, comenta o Doutor Angélico: “Deus deve ser amado como o primeiro amável, já que Ele mesmo é o primeiro fim, ao passo que quaisquer outras coisas são amadas por causa do fim. Portanto, quem ama a Deus como fim, ama-O de todo o coração”.²

As palavras seguintes do Salvador constituem mais do que uma interpretação da Lei; trata-se da revelação do próprio Ser de Deus. Jesus não somente une as tábuas da Lei ao profetismo, mas estabelece a caridade como o cerne da vida espiritual: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”. Toda a Lei e os profetas dependem desses dois mandamentos” (Mt 22, 39-40). A respeito disso, o Aquinate³ esclarece que esse “a ti mesmo” não se identifica com o egoísmo, mas indica que se deve amar os outros como a si mesmo em virtude do amor a Deus. O Papa Bento XVI⁴ aprofunda essa perspectiva na Encíclica *Deus caritas est*, ensinando que o amor a Deus e o amor ao próximo são no fundo duas faces da mesma moeda, inseparáveis e complementares. Quem ama verdadeiramente o próximo, ama a Deus, e vice-versa.

Nosso Senhor é o próprio Amor que nos amou primeiro (cf. I Jo 4, 19), a ponto de entregar-Se na Cruz como amigo (cf. Jo 15, 13) e fazer-nos herdeiros da eterna bem-aventurança. Jesus também nos

atrai para a união com Ele, que se torna efetiva pela caridade, vínculo de perfeição (cf. Cl 3, 14). Nessa virtude estão incluídas todas as demais.⁵ Para isso, convém seguir a recomendação de São Paulo, isto é, tornar-se imitador dos Santos e do Senhor, “acolhendo a Palavra com a alegria do Espírito Santo, apesar de tantas tribulações” (I Ts 1, 6).

Que, ao trilharmos esse caminho, por vezes sinuoso, o nosso amor ao próximo não seja um mero esforço humano, mas o reflexo concreto do amor absoluto do Pai por cada um de nós, purificando nosso entendimento e nossa vontade, para nos preparar para a visão beatífica, onde a suprema virtude – a caridade – será, enfim, a única Lei que reinará eternamente: “o amor jamais acabará” (I Cor 13, 8). ✠

Jesus revela que a plenitude da Lei e dos profetas reside, indissociavelmente, no supremo mandamento de amor a Deus e ao próximo

¹ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Super Matthæum*, c.XXII, lect.4, n.1811.

² Ibid., n.1813.

³ Cf. ibid., n.1819.

⁴ Cf. BENTO XVI. *Deus caritas est*, n.16-18.

⁵ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.44, a.1.



Cristo Redentor, por Giovanni da Milano - Basílica da Santa Cruz, Florença (Itália); à esquerda, os Dez Mandamentos - Igreja de São Patricio, Junction City (Estados Unidos)



Evangelizar a toda criatura

“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”. Como acatar o mandado de Nosso Senhor Jesus Cristo? Se Ele recomendou anunciar o Evangelho “a toda criatura”, devemos pregar até aos seres inanimados e irracionais? Como fazer-se “ouvir” por eles?

✠ **Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP**

Ante a figura de Nosso Senhor Jesus Cristo transmitida pelos Evangelhos e pela Tradição da Igreja, interessa-nos analisar a fundo seu proceder, quer segundo suas expressões exteriores – a voz, os gestos, os olhares –, quer, sobretudo, segundo as manifestações de seu espírito, no modo de Se dirigir às pessoas e nos usos e costumes de vida por Ele observados, a fim de termos melhor compreensão d’Aquele que constitui o exemplo para todo cristão.

Um desses aspectos de Nosso Senhor que atrai nossa atenção é o sistema de ensino adotado durante os três anos de vida pública: por que quis Ele dedicar sua instrução às “ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15, 24)? Por que começou seu apostolado pelo povo judeu?

São Tomás de Aquino,¹ ao tratar dessa peculiaridade, dá quatro razões pelas quais era conveniente que o Divino Mestre pregasse primeiro apenas ao povo eleito.

Antes de mais nada, conforme afirma São Paulo (cf. Rm 15, 8), para cum-

prir as promessas feitas aos patriarcas e profetas no Antigo Testamento, de que o Messias nasceria da descendência deles. Em segundo lugar, porque os judeus constituíam a nação mais achegada à divindade pela fé e pelo culto, e assim ficava demonstrado que sua vinda era de Deus, que tudo faz com ordem e hierarquia. A terceira razão é de caráter diplomático: se Nosso Senhor Se dirigisse aos gentios e aos samaritanos, poderia ser acusado de não Se interessar por seu próprio povo. Finalmente, porque foi na Cruz que Ele conquistou o domínio sobre as gentes (cf. Fl 2, 8-11; Cl 2, 11-15).

Portanto, embora excepcionalmente Jesus tenha feito apostolado direto com alguns pagãos – como, por exemplo, a samaritana (cf. Jo 4) e os gregos (cf. Jo 12, 20-23), ou ainda o centurião romano e a cananeia, dos quais elogiou a fé (cf. Mt 8, 5-13; 15, 21-28) –, devemos considerar que, até a Paixão, Nosso Senhor preferiu exercer sua missão especificamente junto ao povo ju-

deu, porque Ele tinha vindo “para o que era seu” (Jo 1, 11).

Isso não significa que o Salvador desprezasse os gentios. Pelo contrário: tendo morrido no Calvário para salvar o gênero humano, quis Ele que, depois de sua Ressurreição, os Apóstolos levassem a luz da doutrina ao mundo inteiro, de modo que os efeitos de seu Preciosíssimo Sangue penetrassem nas almas e toda a humanidade se beneficiasse da Redenção.

Contudo, quem poderia provar que aquela Palavra se espalharia por todo o orbe? Há certas obras na História a respeito das quais a Providência não oferece garantias de sucesso, mas apenas indícios um tanto ocultos pois, se desse provas evidentes, que mérito teriam aqueles que abraçassem a causa do bem? Assim, ao fundar a Igreja, Deus concedeu graças para as pessoas de fé discernirem nela uma instituição infalível, destinada à vitória total; aos incrédulos, porém, ainda era possível pôr dúvidas.

Origem do caráter missionário da Igreja

Ao enviar seus discípulos a difundir a verdade por todos os povos, o Redentor mostrou seu poder, conferindo à pregação deles eficácia tão grande que acabaram convertendo pessoas que sequer tinham ouvido falar da Pessoa de Jesus. Eram doze homens, seguidos de outros setenta e dois, transformados de “indigentes” (Sl 112, 7) em verdadeiros anjos, dotados da faculdade de expulsar demônios e de fazer grandiosos milagres!

Ao mesmo tempo, Nosso Senhor deu aos gentios a possibilidade de praticarem um ato de fé maior do que o do próprio povo judeu porque, sem receberem o Evangelho diretamente de seus divinos lábios, mas apenas o testemunho de terceiros, aceitaram-no mais do que os beneficiados pelos sinais e discursos feitos por Ele. “Felizes aqueles que creem sem ter visto!” (Jo 20, 29).

De onde vinha esse primeiro *élan* de conquista?

Vinha do Alto e tinha sua origem no amor entre as Três Pessoas da Santíssima Trindade. Deus tirou do nada o universo para manifestar de forma exterior esse amor que, desde toda a eternidade, é sua vida e felicidade. E criou a humanidade de tal forma que fosse possível haver a Encarnação do Verbo e a santificação das almas pelo Espírito Santo. Por isso, desde o começo da criação, o Senhor está constantemente entrando em contato com os homens para fazê-los conhecedores da verdade e salvá-los.

O caráter *missionário* da Santa Igreja se apoia nessa vontade do Filho e do Espírito de serem enviados – em latim, *missi* – e no desígnio do Pai ao enviá-los.

De fato, toda a nossa fé está baseada e centrada na figura de Nosso Senhor Jesus Cristo, como Ele mesmo afirmou: “Quem crê em Mim, tem a vida eterna” (Jo 6, 47). Vindo à terra, Ele nos trouxe a Revelação, pois as próprias comunicações divinas feitas no Antigo Testamento foram dadas em vista do advento do Messias.

A Igreja recebe, pois, de Cristo, sua Cabeça, toda a sua seiva, tal como – se-

ma e santifica, dando ao Corpo Místico de Cristo um caráter forte, firme e indestrutível, que faz jus à promessa de Nosso Senhor: “Aquele que tropeçar nesta pedra, far-se-á em pedaços; e aquele sobre quem ela cair será esmagado” (Mt 21, 44).³

Amando a sua Igreja, Deus concede aos fiéis dons e graças especiais, dos quais depois florescem as mais magníficas obras de virtude e de verdade, bem como tantas riquezas e maravilhas de arte. Por isso, não há formosura plena nascida fora da Igreja. Poder-se-á encontrar alguma pulcritude, por exemplo, num pagode japonês ou em certos edifícios da Índia, ou mesmo em construções como o Alhambra de Granada; mas as belezas existentes nos povos alheios à Religião Católica são sempre incompletas e passíveis de aprimoramento.

Finalidade da missão da Igreja

Qual é, então, a finalidade da ação missionária da Santa Igreja?

Como nossas almas são objeto do amor infinito de Deus, é esse mesmo amor que nos impele a ir ao encontro de todas as pessoas, com o objetivo de fazê-las participar da grande família divina. Tal movimento se assemelha à figura do círculo que, saindo de um ponto, volta para o lugar de onde partiu. Com efeito, nossa origem está na Santíssima Trindade e nosso fim último é a mesma Trindade Beatíssima.

O caráter *católico* próprio à Igreja – do grego *katholikós*, que significa *universal* – provém da exigência da missão. O grande Capitão chamado Jesus Cristo nos ordena, com estas palavras: “Ide, portanto, e fazei que todos os povos se tornem discípulos, batizan-



Hugo Grados

O Redentor enviou discípulos por todos os povos e conferiu-lhes grande eficácia na pregação

Pregação de São Francisco Xavier, por Pedro Atanasio Bocanegra - Museu da Catedral da Encarnação, Guadix (Espanha). Na página anterior, em destaque: Jesus pregando às multidões - Capela da Universidade do Verbo Encarnado, San Antonio (Estados Unidos); ao fundo, vista do Mar da Galileia (Israel)

gundo comparam os Padres da Igreja – a Lua recebe toda a sua luz do Sol.² Apagado o Sol, a Lua se escureceria e o mundo mergulharia nas trevas.

Assim, a Igreja é Santa porque o Preciosíssimo Sangue de Jesus a lava, rega e unge, e a ação do Espírito Santo, que inabita as almas em graça, a ani-

do-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28, 19-20).

Não podemos restringir essa promessa da permanência de Nosso Senhor conosco única e exclusivamente à Presença Eucarística, uma vez que, durante longo tempo, não se reservava partículas consagradas no tabernáculo, costume que se estabeleceu aos poucos, em vista da necessidade de levar o viático aos doentes. É sobretudo no momento do apostolado que Ele Se faz presente, como afirmou em outra passagem: “Quando dois ou três estiverem reunidos em meu nome, Eu estarei entre eles” (Mt 18, 20).

Ora, como a Igreja é universal, ela deve estender suas raízes por todos os rincões da Terra, influenciando ambientes, lares e famílias com a “psicologia” do Evangelho, para que possa-

mos compreender que nossa vocação individual é também universal. Precisamos ter alma de apóstolo a ponto de querer converter todos os povos.

Olhando para cada um de nós, constatamos que somos barro, mas, se nos deixarmos transformar por Deus, seu amor fará de nós grandes santos e sairemos pelo mundo inflamados do desejo de conquistar a face da terra para Nosso Senhor, dando pretexto para a graça se difundir de forma generosa e aproximando as almas da prática da verdadeira religião, no empenho de que todos caminhem rumo à perfeição.

Entretanto, se analisarmos o globo terrestre, veremos que o mandato missionário de Jesus não foi ainda plenamente atendido, pois restam muitos povos a serem evangelizados. Sejamos, pois, instrumentos dóceis ao sopro do Espírito Santo, usando de todos os elementos ao nosso alcance e apoiando-nos nos dons e qualidades concedidos

pela Providência para tornar a Igreja Católica conhecida no mundo inteiro.

O que significa evangelizar “a toda criatura”?

Isso nos leva a outra consideração muito importante. Há no fim do Evangelho de São Marcos um detalhe lindíssimo, que sempre me chamou a atenção, e a respeito do qual não encontrei nenhum comentarista que nele se detivesse. Esse Evangelista, diferentemente dos outros, frisa a afirmação de Nosso Senhor, já ressurrecto: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15).

Ora, se Ele recomendou anunciar o Evangelho “a toda criatura”, devemos, então, pregar não só aos homens e às mulheres, mas até aos seres inanimados e irracionais? “Criaturas” são as pedras e as plantas, as aves e os cachorrinhos... Como fazer-se “ouvir” por eles?

Parece-me que essas palavras têm um significado muito interessante no que toca à vocação dos batizados, cuja ação visa pôr Nosso Senhor Jesus Cristo no centro da criação, de maneira que esta se conforme a Ele.

Ao santificar a alma e torná-la participante da natureza divina, o Batismo introduz nela o cortejo das virtudes e dos dons do Espírito Santo, dando-lhe uma visão diferente do universo e a aparelhando não só para controlar suas paixões e más inclinações, como também para agir sobre os seres que a cercam. Ora, se o homem se relaciona com os cinco planos da criação – minerais, vegetais, animais, os demais homens e até os Anjos – trata-se, portanto, de que os efeitos do Batismo recebido se façam sentir em todo o âmbito que o rodeia, sacralizando e, por assim dizer, evangelizando até a matéria inanimada.

Assim, quando se vai levantar uma construção, é preciso usar os conhecimentos de engenharia para aproveitar os elementos minerais – a areia, os tijolos, o ferro, o mármore – a fim de er-



**O caráter católico próprio à Igreja provém da exigência da missão:
Jesus Cristo nos ordena fazer que todos os povos se tornem discípulos,
batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo**

“Batismo de Ixtlilxóchitl”, por José Vivar y Valderrama -
Museu Nacional de História, Cidade do México



Gustavo Krall

O Evangelho deve ser pregado não só aos homens, mas precisa penetrar todos os campos do agir humano, incluindo os próprios gestos e atitudes

Mons. João em agosto de 2007

guer igrejas, palácios ou casas sobre os quais sejam impressos os estigmas do Evangelho. Porque um arco, uma coluna, um vitral, uma escultura, uma janela, uma porta, uma grade, os degraus de uma escada ou até a cor dos tetos, podem ser instrumentos para falar de Deus. O espírito moderno, pelo contrário, deita sua preocupação em fazer edifícios rápidos e funcionais, pouco se importando com sua beleza. E o resultado são obras contrárias ao Evangelho, mais próprias a pregar os axiomas do inferno.

Se trata-se de um terreno, deve-se ter o empenho de cultivá-lo a ponto de o transformar em magnífico jardim, de acordo com o espírito de Nosso Senhor.

Com relação às próprias criaturas viventes, como os pássaros ou as borboletas, cabe fazer o possível para que tenham uma boa ambientação e se multipliquem de tal maneira que embelezem os panoramas.

E assim o Evangelho deve ser pregado constantemente, não só na arquitetura ou na botânica, mas na culinária, nos tecidos, na vestimenta, nos paramentos, num bonito órgão, num cântico harmonioso – gregoriano ou polifônico –, nos símbolos, como também nos gestos, nas atitudes, na maneira de executar qualquer trabalho, nos modos de ser e de comportar-se, no relaciona-

mento com os demais, na administração dos Sacramentos...

O próprio São Paulo afirma em sua epístola aos Romanos que as criaturas – ou seja, todo o universo –, tendo sofrido a marca do pecado, gemem pelo dia em que possam receber os influxos da Redenção (cf. Rm 8, 22-23). E a visão tomista defende a tese de que no fim do mundo, depois do Juízo, a obra criada por Deus alcançará uma verdadeira apoteose de esplendor, como nunca!⁴

Nada supera, porém, a pregação feita pela prática da virtude, através da qual queremos que a terra se transforme num verdadeiro Paraíso, onde os princípios do Evangelho e o senso de hierarquia sejam aplicados a tudo o que existe, contra o igualitarismo, o prosaísmo e a vulgaridade.

No Céu nada há de torto, quebrado ou feio; pelo contrário, tudo é de beleza inimaginável. Uma só das maravilhas celestes encheria a nossa eternidade! Deus assim o quis para que os sentidos

corporais estejam em consonância com a alma, a qual gozará da felicidade suprema da visão beatífica, que consiste em ver a Deus face a face. ✠

Excertos de exposições orais proferidas entre os anos de 1992 e 2015

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. III, q.42, a.1.

² Cf. CCE 748.

³ A propósito dessa passagem de São Mateus, assim afirma São Tomás: “A Igreja jamais poderá ser destruída. Não a destruiram os perseguidores. Pelo contrário, ela cresceu ainda mais durante as perseguições, e os que a perseguiram, bem como os que ela combatia, é que tombaram. [...] Os erros não a destruíram. Pelo contrário: quanto mais os erros proliferavam, tanto mais a verdade era manifestada. [...] Nem as tentações do demônio a destruíram. A Igreja é como uma torre na qual se refugia todo aquele que luta contra o diabo” (SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Exposição sobre o Credo*, a.9).

⁴ “Será, portanto, necessário que também os outros corpos recebam maior influência da bondade divina. Não para lhes fazer variar de espécie, mas para lhes acrescentar certa perfeição de glória. Essa será, verdadeiramente, a renovação do mundo, pela qual, ao mesmo tempo, será o mundo renovado e o homem glorificado” (SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Supl., q.91, a.1).

Uma só Igreja, uma só missão

Mestra da verdade, a Igreja foi investida pelo Divino Salvador com a sublime missão de ser a fiel e única intérprete da Revelação, a fim de reconduzir maternalmente todos os povos à união com Cristo.

✠ **Diác. Adriel Brandelero, EP**



Traduttore, traditore – tradutor, traidor: assim graceja o adágio italiano que, mesclando ironia e realidade, foi tantas vezes confirmado pelos fatos e pelas edições de livros...

Com razão, o encargo da tradução constitui para muitos estudiosos um desafio moral; afinal, não se trata de uma simples questão de escolha de palavras, mas de conceitos, patrimônio dos mais valiosos para quem sabe reconhecer seus verdadeiros sentidos.

Traduzir não significa encontrar plena correspondência de verbetes, mas preservar a homogeneidade do pensamento de quem o concebeu. Eis o desafio, pois “se houvesse equivalência perfeita de língua a língua, o resultado não seria tradução, mas réplica; e se essas réplicas fossem possíveis, praticamente não haveria línguas, mas apenas um vasto e embaçado linguajar internacional, como uma suspensão tardia da história de Babel”.¹

Quanto mais profundo, complexo e matizado é o pensamento do autor, maiores se tornam os riscos para o traduttore... Como entrever, por exemplo, as angústias dos sábios de Alexandria que verteram o Antigo Testamento do hebraico para o grego? O que dizer da responsabilidade que recaiu sobre

São Jerônimo, quando elaborou a chamada Vulgata em latim, contendo todos os livros da Sagrada Escritura? “Quem pode compreender o pensamento do Senhor” (Rm 11, 34) para representá-lo com fidelidade? “Traduzir” o Espírito Santo não é tarefa fácil...

Esses dilemas da redação de textos podem nos auxiliar a compreender melhor a missão que foi confiada por

Cristo confiou à Igreja, sua fiel intérprete, a missão de evangelizar todos os povos, auxiliando-os a refletir a Deus em seus próprios costumes

Cristo a sua Igreja: evangelizar todos os povos (cf. Mt 28, 19-20), responsabilidade incomparavelmente mais elevada que a dos intérpretes dos idiomas.

E, se nos é legítimo recorrer ao fenômeno da tradução para iluminar a evangelização, cumpre considerar que a missão da Igreja consiste em traduzir

apenas um Verbo: o Eterno. Ele foi pronunciado pelo Pai desde todo o sempre, como São João consignou no prólogo do Quarto Evangelho: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1, 1).

Diferentes culturas, mas uma mesma Igreja

Sem embargo, não seria mais perfeito que todos os homens O apreendessem tal como Ele é, sem os recursos da linguagem humana, sempre condicionados pelos tempos e pelos ambientes?

Primeiramente, nem tudo o que é mais perfeito está na ordem de nossa inteligência, pois a forma “vernacular” do Verbo Eterno só o Pai conhece: “Ninguém conhece o Filho senão o Pai” (Mt 11, 27). Somos incapazes de compreendê-Lo em Si mesmo. Eis o mistério da nossa Fé; por isso, precisamos de uma “tradutora” investida dessa missão divina: a Igreja.

Por outro lado, aprouve ao Altíssimo fazer do nada todas as coisas a partir do Verbo, pois “Ele é a imagem de Deus invisível, o Primogênito de toda a criação” (Cl 1, 15). Ora, se tudo existe a partir de Cristo, as criaturas hão de refletir as perfeições d’Ele. E foi necessário, como ensina São Tomás de Aquino,² a existência de múltiplos e variados

seres, para que neles mais perfeitamente se manifestasse a semelhança divina.

Ora, se magnífica é a diversidade dos seres irracionais e inanimados, ainda mais resplandece o homem, síntese do universo criado. Na pluralidade das etnias e culturas, as perfeições infinitas do Divino Artífice brilham com maior esplendor. Os diferentes ambientes geram costumes, comportamentos, estilos de vida e modos de pensar *sui generis*, que formam uma imensa e variegada panóplia de expressões artísticas e culturais.

Em suma, todos os povos são impedidos pelo Paráclito a “pronunciarem” com seus costumes e luzes próprias o mesmo Verbo Eterno que o Pai enviou ao mundo, restaurando todas as coisas em Cristo (cf. Ef 1, 10).

Eis a missão materna da Igreja: acolher sob seu manto protetor todos os povos da terra e auxiliá-los a compreender o Verbo do Pai e a pronunciá-Lo novamente em suas vidas e obras. Explica o *Catecismo*: “O Pai Eterno, por libérrimo e arcano desígnio de sua sabedoria e bondade, criou todo o universo; decidiu elevar os homens à comunhão da vida divina”, à qual chama todos os homens em seu Filho: “Todos os que creem em Cristo, o Pai quis chamá-los a formarem a Santa Igreja”³.

Única intérprete autorizada do Verbo

No mandato do Divino Mestre aos Apóstolos – “Ide, pois, ensinai todas as gentes” (Mt 28, 19a) – encontramos os divinos princípios que devem reger a missão da Igreja.

Antes de mais nada, constatamos que o dinamismo sobrenatural que motiva os discípulos de Cristo à grande aventura da evangelização impele-os também a deixarem até mesmo a própria origem para instruir os errantes. Revela-se assim o mesmo método já aplicado por Jesus: conviver para transmitir a Fé.

Ao considerarmos esse ponto, recordamos os primeiros passos da Boa-Nova, como no apostolado do diácono São Filipe com o ministro de Candace, rainha da

Etiópia. O súdito lia o profeta Isaías, conhecia as palavras, mas não atinava com a mensagem: “Porventura entendes o que estás lendo?” Respondeu-lhe: ‘Como é que posso, se não há alguém que me explique?’ E rogou a Filipe que subisse e se sentasse junto dele” (At 8, 30-31). Sentar-se junto e explicar... que bela síntese da missão de evangelizar. Somente a instrução não basta para que o Verbo de Deus seja compreendido e amado, é

*Somente a instrução
não basta para que o
Verbo de Deus seja
compreendido e amado,
é necessário conviver;
fazer-se próximo e
ensinar pelo exemplo*

necessário conviver, fazer-se próximo e ensinar pelo exemplo o caminho que conduz a Ele.

Mas isso ainda não era suficiente, pois o supracitado mandato do Senhor continua: “batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28, 19b). A eficácia da evangelização depende em grau eminente dos méritos e da graça de Nosso Senhor, conferidos por intermédio dos “administradores dos mistérios de Deus” (I Cor 4, 1), inicialmente nas águas do Batismo, em que a alma recebe a vida divina, mas também na recepção da Eucaristia, na qual o fiel comunga o próprio Cristo, na Confirmação, em que por Ele é fortalecido, e no tribunal da Penitência, onde se reconcilia com Deus.

O fim da evangelização é a conversão

Adverte ainda Nosso Redentor na mesma passagem: “Ensinai-os a observar tudo o que vos prescrevi. Eis



Reprodução

A eficácia da evangelização depende dos méritos e da graça de Nosso Senhor, conferidos por intermédio dos “administradores dos mistérios de Deus”

São Filipe, diácono, batiza o etíope, por Lorenzo Lippi; na página anterior, campanário da Capela Nossa Senhora do Pilar, Ubatuba (SP)

que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28, 20).

Esse trecho lembra-nos que, para ser digno das maravilhas do Evangelho, cumpre observar cuidadosamente os ensinamentos recebidos de Nosso Senhor. Pela correspondência à graça e à presença da Santíssima Trindade na alma, opera-se a transformação progressiva, séria e profunda do católico, que se consumará na sua plena configuração com Cristo.

Portanto, aceitar a Boa-Nova importa necessariamente numa conversão, pois Ele mesmo sintetizou sua missão considerando ser imprescindível fazer penitência, converter-se e crer no Evangelho (cf. Mc 1, 15). Assim, após salvar a mulher adúltera da má intenção dos anciãos, Jesus lhe disse: “Vai e não tornes a pecar” (Jo 8, 11). Semelhante

advertência repetiu quando curou o paralítico junto à piscina de Betesda: “Eis que ficaste são; já não peques para não te acontecer coisa pior” (Jo 5, 14).

Ensina, assim, o Concílio Vaticano II que “o Evangelho de Cristo renova continuamente a vida e cultura do homem

*Quando a mensagem
do Evangelho atinge
o âmago dos povos
e das culturas,
faz nascer uma
nova civilização
para Cristo*

decaído, e combate e elimina os erros e males nascidos da permanente sedução e ameaça do pecado. Purifica sem cessar e eleva os costumes dos povos. Fecunda como que por dentro, com os tesouros do alto, as qualidades de espírito e os dotes de todos os povos e tempos; fortifica-os, aperfeiçoa-os e restaura-os em Cristo”.⁴

Evangelização e inculturação: sinônimos ou antônimos?

Quando caracterizamos a Igreja como *católica*, afirmamos que Ela “está orientada ao mundo inteiro, que abarca todos os tempos e que se dirige a todas as culturas. Devido ao destino universal de sua missão, a Igreja deve ter a qualidade de adequar-se às distintas épocas e âmbitos culturais”.⁵

No último concílio também encontramos a resposta que orienta a inculturação da Igreja nas diversas nações. Em vez de assumir costumes degradantes e indignos da Esposa de Cristo, ela deve inserir-se em todos os povos impelida pelo mesmo movimento que levou o Verbo Eterno a sujeitar-Se, na Encarnação, às condições sociais e culturais dos homens com quem conviveu, a fim de oferecer a todos o mistério de salvação e a verdadeira vida.⁶

Longe de se tornarem antônimos, a evangelização e a inculturação são fases de uma mesma graça concedida ao povo que teve a dita de receber a semente do Evangelho, de compreender o Verbo do Pai e de deixar-se penetrar pela luz vivificante do Espírito Santo, que opera na Igreja.

O fenômeno da inculturação, explicava João Paulo II, “diante das mais diversas e por vezes contrastantes culturas presentes nas várias partes do mundo, pretende ser uma obediência ao mandato de Cristo de pregar o Evangelho a todas as gentes até aos extremos confins da terra. Uma tal obediência não significa sincretismo nem simples adaptação do anúncio evangélico, mas que o Evangelho penetra vitalmente nas culturas, se incarna nelas, superando os elementos culturais delas que são incompatíveis



“O Evangelho de Cristo fecunda como que por dentro, com os tesouros do alto, as qualidades de espírito e os dotes de todos os povos e tempos”

Santo Agostinho de Cantuária converte o Rei anglo-saxão Etelberto, gravura da obra “The Imperial History of England”, por David Humme (editada)

com a fé e a vida cristã, e elevando os seus valores ao mistério da salvação que provém de Cristo”.⁷

Quando a mensagem do Evangelho atinge o âmago dos povos e das culturas faz nascer uma civilização nova para Cristo, a partir de uma mudança na vida, nos costumes e na mentalidade. Nesse sentido, ensinou o Papa Paulo VI que “para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação”.⁸

Corrobora esse ensinamento o Papa Leão XIV ao afirmar que “a santidade não é uma opção entre tantas outras, nem um ideal abstrato: ela interpela a própria identidade de toda pessoa que deseja participar na vida do Ressuscitado”.⁹

Quando a tradução se torna traição...

Que descontentamento sente a Igreja, e o próprio Cristo, quando percebe ações ditas evangelizadoras que não “traduzem” com pureza o sentido da Revelação!

Alguns exemplos desse lamentável fato podemos encontrar nos ensinamentos da *Dominus Iesus*, que condena a “atitude relativista perante a verdade, segundo a qual, o que é verdadeiro para alguns não o é para outros; [...]

o ecletismo de quem, na investigação teológica, toma ideias provenientes de diferentes contextos filosóficos e religiosos, sem se importar da sua coerência e conexão sistemática, nem da sua compatibilidade com a verdade cristã; a tendência, enfim, a ler e interpretar a Sagrada Escritura à margem da Tradição e do Magistério da Igreja”.¹⁰

Ora, se a missão da Igreja é evangelizar, é esta também a obrigação de cada um de seus membros, mormente daqueles que detêm o múnus de ensinar, governar e santificar.

Ser um outro Cristo pela imposição das mãos significa estar investido com a missão de ser “traduttore” do Verbo Eterno, encargo que torna indispensável a identificação do ministro sagrado com o Coração misericordioso de Jesus, conforme

*Evangelizar é
obrigação de cada
membro da Igreja,
mormente daqueles
que detêm o múnus
de ensinar, governar
e santificar*

exortou o Papa Leão XIV numa recente mensagem: “O sacerdote com um coração íntegro, simples e puro é contemplativo no meio da ação, misericordioso, fiel na provação, alegre na entrega de si mesmo. O mundo tem uma grande

necessidade de pastores que não ofereçam apenas palavras ou programas, mas o testemunho vivo de um coração reconciliado, espalhando o bom perfume da santidade de Cristo”.¹¹

Façamos nossas essas intenções do Santo Padre. Afinal, dos “traditori” o mundo já está cansado. ✚



Sergio Hollmann

**“O mundo tem uma grande
necessidade de pastores que não
ofereçam apenas palavras ou
programas, mas o testemunho vivo de
um coração reconciliado”**

São Francisco Xavier - Santuário
de Loyola, Azpeitia (Espanha)

¹ APTER, Emily. Preface. In: CASSIN, Barbara (Ed.). *Dictionary of Untranslatables. A Philosophical Lexicon*. Princeton: Princeton University Press, 2014, p.xiv.

² Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. L.II, c.45.

³ CCE 759.

⁴ CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes*, n.58.

⁵ FERNÁNDEZ, Aurelio. *Teología Dogmática. Curso fun-*

damental de la Fe Católica. Madrid: BAC, 2009, p.748.

⁶ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Ad gentes*, n.10.

⁷ SÃO JOÃO PAULO II. *Pastores dabo vobis*, n.55.

⁸ SÃO PAULO VI. *Evangelii nuntiandi*, n.19.

⁹ LEÃO XIV. *Mensagem aos sacerdotes por ocasião do Dia da Santificação Sacerdotal*, 12/6/2026.

¹⁰ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Dominus Iesus*, n.4.

¹¹ LEÃO XIV, op. cit.



A “terra sem mal”

Antes que a Fé Católica chegasse à América do Sul, os guaranis procuravam o que eles chamavam de “Yvy Mará He’y”, onde encontrariam a felicidade sem fim. Os missionários os levaram até lá.

✠ Pe. Hernán Luis Cosp Bareiro, EP



Estamos em plena selva sul-americana do século XVII. Por entre o espesso matagal podemos ouvir um frenético alarido de vozes a cantar, de trombetas ásperas e roucos tambores a soar. Desenrola-se a mais usual das cenas: um prisioneiro, tomado em combate e agora cercado de guaranis em festa, aguarda o golpe derradeiro.

Semelhante fim esperam, inevitavelmente, os que caem sob o poder dos guaranis. Capturado, o homem é engordado e, em seguida, abatido. Sua carne saciará desde os anciãos até as crianças. Suas tíbias tornar-se-ão trombeta. Sua caveira servirá de taça.

Eis os costumes guaranis no Paraguai do século XVII.

* * *

Sem abandonar o local, avançamos para o

século XVIII. Transcorreram cerca de cem anos, e tudo mudou.

Ergue-se uma verdadeira cidade guarani. Ruas largas e pavimentadas ligam extensos terrenos de plantio a fortes e grandes edifícios de pedra. Entrementes num deles: a igreja.

Lá se celebra a Santa Missa. Ressonam músicas religiosas. Um numeroso coro de vozes mistas é acompanhado por uma orquestra completa: órgão de tubos, harpas, trompetes, trombones, flautas, clarinetes e fagotes. Os cálices, os paramentos e o próprio templo saíram das mãos já batizadas dos guaranis.

Eis a vida de uma redução jesuítica no Paraguai do século XVIII.¹

As reduções

A história das *reduções* – nome originário da expressão latina *reductio ad unum*, para indicar a reunião de indígenas num único local – começou

em 1587, quando Dom Francisco de Vitoria, OP, Bispo português de Tucumán – região que englobava o atual Paraguai e parte da Argentina –, solicitou auxílio aos missionários jesuítas do Brasil. Ele necessitava de assistência em sua diocese, onde a língua mais comum, o guarani, apresentava semelhanças ao tupi encontrado em terras brasileiras.

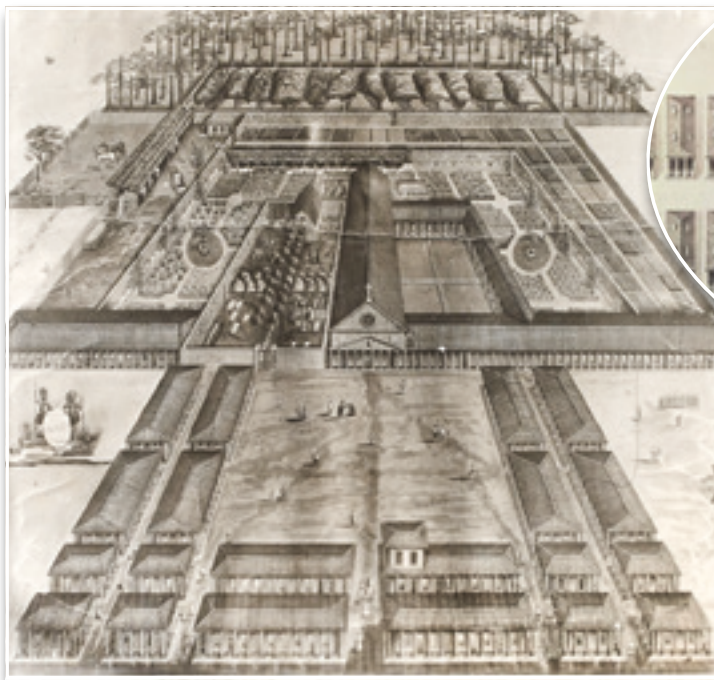
O pedido foi aceito, e nenhum esforço foi poupado. Cada dia eram visitados os enfermos, celebrada a Missa e proferido o sermão. Após esse apostolado, sempre em torno do altar, o número de indígenas batizados chegava, em média, a trezentos por dia.

Mas não bastava pregar. Não ensinara o Divino Mestre que a semente da palavra só cresce em terreno propício (cf. Mt 13, 18-23)? Pois bem, os missionários decidiram civilizar evangelizando e evangelizar civilizando. Para tanto, criaram as referidas redu-

Atendendo ao apelo do Bispo de Tucumán, os missionários jesuítas decidiram civilizar evangelizando e evangelizar civilizando

Ruínas da Redução de São Miguel Arcanjo - São Miguel das Missões (RS)





O ponto monárquico de cada redução era a igreja, onde palpitava o coração da comunidade; em torno dela erguiam-se o hospital, o cemitério e os órgãos administrativos

Planos urbanos de reduções na antiga Província Jesuítica do Paraguai: acima, Redução de Nossa Senhora da Candelária, na atual cidade da Candelaria (Argentina) - Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty, Rio de Janeiro; à esquerda, Redução de São João Batista, no atual município de Entre-Ijuís (RS)

ções. Essas comunidades, supervisionadas por padres jesuítas – em geral, não mais que dois –, viviam sob a regência de leis políticas e religiosas, proporcionando o abandono da vida pregressa e errática de seminômade. Reuniam-se em média três mil e quinhentas pessoas em cada aglomerado, chegando em algumas a até a cifra de seis mil.

A primeira experiência desse gênero, a Redução Santo Inácio Guazú, instalou-se a vinte e cinco léguas de Assunção em 1609. No mesmo ano, a cento e sessenta léguas a leste da mesma capital, nasceu a Redução Nossa Senhora de Loreto. E o número das novas sociedades crescia com extraordinária rapidez.

A cidade de Deus

O ponto monárquico de cada redução era a igreja. Lá palpitava o coração da comunidade. Oficiava-se a concorrida Missa diária, ministrava-se a catequese, atendiam-se numerosas Confissões, celebravam-se matrimônios. Dali decorria também todo o desabrochar espiritual. Os vícios, antes tão arraigados, eram espezinha-

dos pela vida virtuosa, pela ascese e pela oração.

Ladeando o templo, erguiam-se o hospital, o cemitério e os órgãos administrativos, como o conselho municipal e o colégio. As avenidas principais tinham sombra permanente devido às coberturas que nelas havia. As construções eram feitas, em geral, com grossos blocos de alvenaria, de mais de um metro de espessura, e o travejamento dos tetos contava com enormes vigas. Destarte, os edifícios mantinham fresca a temperatura e longeava a sua integridade.

Escolas para toda idade e condição

Os filhos de Santo Inácio instituíram nas reduções um conselho legislativo formado pelos próprios guaranis. Cada comunidade tornava-se, desse modo, uma pequena república autônoma, à semelhança das antigas e célebres pólis gregas.

Havia também um corpo de cavalaria e um esquadrão de infantaria que utilizava tanto as armas tradicionais dos índios – macaná, arco e funda – quanto espada e fuzil.

A agricultura passou a sustentar a vida dos guaranis antes dependente da

caça e da pesca. Havia em cada cidade cerca de sete grandes hortas e pomares, abundantes em frutas, hortalças e plantas medicinais.

Desenvolveu-se também a indústria. Manuseando modernos fornos de tijolos e forjas, os guaranis levantaram moinhos, serrarias e curtumes, assim como engenhos de açúcar e azeite e até oficinas de relógio.

As artes floresceram. A primeira imprensa tipográfica da região do Rio da Prata, por exemplo, nasceu numa redução. Esculturas, quadros, tapetes, instrumentos musicais, objetos litúrgicos – com suas rendas, joias e metais preciosos –, tudo era confeccionado pelos autóctones segundo o mais refinado gosto do Velho Continente.

Entre os dons que os novos batizados manifestaram com maior brilho estava a música. De tal modo as peças francesas, alemãs e italianas eram tocadas de acordo com as expressões próprias, que bastava ocultar os instrumentistas das vistas do público para acreditar estarem ouvindo orquestras oriundas do outro lado do Atlântico.



Reprodução



Maurice Chédel (CC by-sa 3.0)

Ataques e defesa

Assim, ao longo das décadas os missionários fundaram numerosos focos de civilização que, no século XVIII, estender-se-iam por seiscentos e cinquenta quilômetros de comprimento de norte a sul, e cerca de seiscentos quilômetros de leste a oeste, no que hoje é o Paraguai, o Uruguai, o nordeste da Argentina, o sul do Brasil e a Bolívia.

Como não podia deixar de ser, a inveja emergiu nesse contexto de prosperidade. Algumas reduções foram desfeitas pelos que deveriam estar mais interessados nelas: os Bispos e os governadores civis. Outras sucumbiram aos bandeirantes. Um ódio inumano levava-os a exterminar tanto as construções como os guaranis que as habitavam, “roubando, despojando igrejas, atando índios, matando e despedaçando crianças”.² Tal foi a chacina e o escravismo que, por volta de 1630, a cifra de indígenas cativos excedia trezentos mil.³

Mas os aborígenes, tendo recebido a fé, não haviam perdido a beligerância. Em 1641, às margens do Rio Uruguai, travou-se a Batalha de Mbororé. Oitocentos bandeirantes, armados de fuzis, aliados a seis mil índios tupis, foram derrotados por quatro mil guaranis, munidos apenas de trezentos fuzis, flechas, lanças e fundas. E pela guerra fez-se a paz... por certo tempo.

A inveja emergiu nesse contexto de prosperidade, levando à destruição de uma sociedade despojada do primitivismo e impregnada de virtude: uma verdadeira “terra sem mal”...

Ruínas da Redução da Santíssima Trindade do Paraná - Trinidad (Paraguai); à esquerda, cavalaria guarani na Redução São Francisco Xavier, na atual San Javier (Argentina) - Museu da América, Madrid

Depois de 1750, quando as reduções atingiam seu apogeu, as coroas espanhola e portuguesa, sob pretextos territoriais ou econômicos, expulsaram os jesuítas de toda a chamada “República Guarani”.

Em pouco tempo a pujança das reduções, ao encargo de governadores civis, tornou-se apenas uma lembrança. Em seguida, foram abandonadas. Por fim, destruídas. Hoje em dia restam apenas ruínas.

Os sonhos realizados de um povo

Antes que a Fé Católica chegasse à América do Sul, os guaranis viviam de uma esperança. Desciam vales, atravessavam rios, rasgavam florestas e escalavam montes “urgidos por uma febre interior que lhes fazia esquecer o cansaço e a fome”.⁴ Era o sonho de encontrar o que eles chamavam de *Yvy Mará He’y* – a “terra sem mal”, onde habitavam os homens-deuses, a imortalidade, a felicidade sem fim.

Durante séculos, essa foi a peregrinação dos nômades. Certo dia alguns sacerdotes, vindos de um mundo lon-

gínquo, trouxeram-lhes o Batismo – que os tornou filhos de Deus, “homens-deuses” imortais e dignos da morada eterna – e levaram-nos a construir uma sociedade despojada de primitivismo, onde o mal e o pecado não tinham cidadania, pois prevaleciam a virtude e a busca da santidade: uma verdadeira “terra sem mal”. ✦

¹ O presente artigo baseou-se na dissertação de mestrado canônico em Teologia, pela Universidad Pontificia Bolivariana, Medellín, Colômbia (2025), do mesmo autor, intitulada: “*Yvy Mará He’y*” (*la Tierra sin Mal*): la labor civilizadora y evangelizadora de los jesuitas en las reducciones del Paraguay.

² RUIZ DE MONTTOYA, SJ, Antonio. *Conquista espiritual*. Bilbao: Corazón de Jesús, 1892, p.146.

³ Cf. LUGON, Clovis. *A república “comunista” cristã dos guaranis: 1610-1768*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.63-64.

⁴ GÁLVEZ, Lucía. *Guaraníes y jesuitas. De la Tierra sin Mal al Paraíso*. Buenos Aires: Sudamericana, 1995, p.15.



De pecadora a evangelizadora

✚ Pe. Leonardo Miguel Barraza Aranda, EP



As palavras do Divino Mestre à samaritana (cf. Jo 4, 1-42), iluminadas pelo comentário de São Tomás de Aquino (cf. *Super Ioan-nem*, c.IV, lect.3, n.624-630), são um dos retratos mais ilustrativos da teologia joanina sobre a salvação. O fato de abandonar o cântaro no poço de Jacó e correr à cidade de Sicar para anunciar Jesus como o Messias é símbolo eloquente da transformação que a graça produz na alma humana.

Os ensinamentos do Doutor Angélico sobre esse episódio salientam três aspectos.

Em primeiro lugar, a importância do desapego das coisas deste mundo e suas concupiscências. Com efeito, as graças e dons recebidos no encontro com Jesus levaram a samaritana a renunciar ao propósito de procurar água, fazendo-a almejar somente o manancial que “jorrará para a vida eterna” (Jo 4, 14). Assim como os irmãos Pedro e André, bem como Tiago e João, deixaram suas redes ao ouvir o chamado de Jesus (cf. Mt 4, 18-22), de modo análogo a samaritana abandonou seu cântaro, símbolo de suas preocupações terrenas, para seguir a Cristo.

Em segundo lugar, e como corolário do anterior, a samaritana não guardou o tesouro para si, mas assumiu uma postura de fervorosa evangelizadora. O seu ardor caritativo patenteou-se na

iniciativa de ir ao encontro de seus contemporâneos: “Foi à cidade e disse àqueles homens” (Jo 4, 28). Ao convidá-los, ela foi sagaz: “Vinde e vede um Homem que me contou tudo o que tenho feito” (Jo 4, 29), pois “sabia manifestamente que, se degustassem daquela fonte, ao vê-Lo, experimentariam o mesmo que ela própria” (n.626).

Conforme observa São Tomás, ela não declarou logo que Jesus era o Messias, evitando assim rejeições e precipitações desnecessárias. Com argúcia levantou a questão – “Não seria Ele, porventura, o Cristo?” (Jo 4, 29) – e, ao mesmo tempo, referiu fatos críveis e notórios, seguindo a conduta de um verdadeiro evangelizador ao atrair aquela gente não a si, mas unicamente a Deus.

Em terceiro lugar, o testemunho da samaritana ganhou autenticidade porque nasceu da humildade. Jesus revelou conhecer sua vida licenciosa (cf. Jo 4, 18), e ela, longe de ressentir-se, reconheceu a grandeza d’Aquele que a chamava ao arrependimento. Essa postura conferiu tal força à sua palavra que seus ouvintes chegaram a dizer: “Já não é por causa da tua declaração que cremos, mas nós mesmos ouvimos e sabemos ser este verdadeiramente o Salvador do mundo” (Jo 4, 42).

A mulher samaritana converteu-se, de pecadora, em evangelizadora fervorosa. Ela surge como modelo de todos aqueles que, ao longo da História da Igreja, rejeitaram as ilusões do mundo para se dedicarem exclusivamente à salvação das almas. Que este seja também o nosso propósito de vida, para que, com fidelidade, possamos alcançar a herança eterna! ✚



Gustavo Kralj

Após sincera conversão, a samaritana tornou-se evangelizadora fervorosa e modelo daqueles que rejeitaram as ilusões do mundo para se dedicarem exclusivamente à salvação das almas

Jesus e a samaritana – Paróquia São Patrício, Boston (Estados Unidos)



“Fala comigo, pequena alma”

Através de seus colóquios com Gabrielle Bossis, Jesus dirigiu-se também a nós, dizendo: “Não Me deixeis só em vossos corações”.



✠ Bruna Almeida Piva

No mundo do entretenimento francês das primeiras décadas do século XX, a dramaturga e atriz Gabrielle Bossis dispensava maiores apresentações. Seu charme, sua verve e um como que inefável de sua personalidade já haviam conquistado as plateias de sua terra natal e prometiam-lhe êxito no exterior.

Gabrielle decidira dedicar-se às artes cênicas em 1923, aos quarenta e nove anos, após um primeiro sucesso obtido junto aos jovens de sua paróquia, quando escreveu e representou uma peça teatral. Tendo notado nesse fato a bênção da Divina Providência, resolveu utilizar seu talento para transmitir à sociedade, de cima dos palcos, uma mensagem genuinamente católica. Idealizava apresentações de conteúdo religioso e moral, confeccionava figurinos e interpretava ela mesma os papéis principais.

Longe de se entregar à levandade ou ao mundanismo que poderiam ser associados a essas atuações, Gabrielle fez progressos ainda maiores na vida espiritual, como fruto da excelente formação católica recebida na infância. Nosso Senhor Jesus Cristo a teve, desde menina, como humilde serva, atenta à sua divina vontade; e foi Ele quem a escolheu e preparou para atuar, através da arte, em sua obra por excelência: a salvação das almas.

Convívio místico em meio à vida ativa

Para coroar essa nobre missão, mais tarde o Salvador quis estabelecer colóquios místicos com ela, nos quais lhe revelou as ternuras de seu amor pelos homens.

A primeira locução interior registrada por Gabrielle no seu diário data de 22 de agosto de 1936. Estava ela a bordo do transatlântico *Île-de-France*, que a conduzia com seu elenco ao Canadá, quando Nosso Senhor lhe dirigiu a palavra. “Durante o concerto de mú-

sica clássica”, relata, “eu Lhe oferecia, como se fossem buquês, os sons e a doçura que dele emanavam. Ele disse-me suavemente, como tinha feito em outra ocasião: *‘Ma petite fille – Minha filhinha’*”.¹

No dia seguinte, enquanto montavam um altar sobre um piano, pensava nas gaivotas e aviões que costumam pousar em alguns navios. Então ouviu: “Desta vez será Cristo”;² em alusão à próxima descida d’Ele durante a celebração da Santa Missa.

Dali em diante, Gabrielle passou a gozar de um constante convívio místico com o Redentor em meio às vicissitudes de sua existência quase nômade, que a conduzia a cidades do Oriente Médio, da América do Norte e da África Setentrional. O historiador Daniel-Rops³ manifestou admiração pelas duas facetas da vida de Gabrielle: uma, sorridente, voltada para o próximo e dedicada a entretê-lo; outra, profundamente entregue à contemplação.

Uma vocação singular

Nascida no seio de uma família abastada em Nantes, oeste da França, a 26 de fevereiro de 1874, Gabrielle Bossis revelou ser uma criança tímida e reservada, embora muito inclinada ao convívio com Deus. Esse pendor foi delicadamente incentivado pelo próprio Salvador, como ela veio a saber



Reprodução

Para coroar sua missão, o Salvador quis estabelecer colóquios com ela

Gabrielle como enfermeira da Cruz Vermelha, em 1917

anos mais tarde, numa locução interior: “Lembras-te, quando eras pequena, de que Eu te havia dito: ‘Conta-Me o que fizeste hoje’? Mas não acreditaste que fosse a minha voz”.

Na juventude, Gabrielle dominou a timidez para fazer bem aos outros e irradiar alegria. Seu retraimento cedeu lugar à vivacidade, tornando-a graciosa e cativante, com destaques na música, na pintura e na escultura. Serviu como enfermeira da Cruz Vermelha durante a Primeira Guerra Mundial, além de se dedicar à catequese e à confecção de alfaias litúrgicas.

Sentindo-se atraída por Deus a uma missão singular, recusou inúmeras propostas de casamento, bem como o convite de um sacerdote franciscano para tornar-se monja clarissa. Mais tarde, fez-se terciária da Ordem de São Francisco, vivendo no século o celibato, o desprendimento e a penitência.

Em sua juventude foi injustamente considerada frívola, mas ela sofria com paciência no segredo do coração, suportando, segundo relatou depois, grandes padecimentos de alma. A respeito dessas provações, Jesus lhe comunicou anos depois: “Os outros julgam-nos e esse julgamento é errado, porque só veem o exterior; já a pessoa se julga a si mesma de forma imprecisa, porque olha somente o seu interior, sem se dar conta do exemplo que oferece. Somente Eu conheço exatamente cada alma”.⁴

Apelo de Jesus às almas

No exercício do apostolado na dramaturgia, Gabrielle começou a aprender de Nosso Senhor que a intimidade com Ele pode ser mantida até mesmo nas circunstâncias mais absorventes. Numa sala de teatro na Argélia, por exemplo, Ele perguntou: “Por que Me falas como se Eu estivesse muito longe? Estou bem próximo... no teu coração”.⁵

Assim, conforme o relacionamento com Jesus se intensificava, ela se tornava um instrumento mais dócil e eficaz nas mãos d’Ele para transmitir às



Reprodução

Longe de se entregar à leviandade ou ao mundanismo que poderiam ser associados às atuações cênicas, Gabrielle fez progressos na vida espiritual

Gabrielle (em pé, com chapéu e vestido brancos) com sua companhia de teatro, por volta de 1927

almas um apelo de seu Coração: que *todos* cultivassem com Ele um relacionamento íntimo e contínuo, baseado na reciprocidade enternecida ao seu amor infinito – convívio este que é prelúdio, já nesta terra, da felicidade celeste.

Identificando-Se como um “Caçador de corações”,⁶ Nosso Senhor estimulou Gabrielle a propagar seu apelo: “Escolhi-te para testemunhar como é simples e alegre a vida de amor, a linguagem do amor, a conversa do amor”; e ainda: “Mostra que é preciso conversar comigo. Não Me deixeis só em vossos corações”.⁷

Para tornar mais difundida essa mensagem, Jesus pediu-lhe que transcrevesse os colóquios místicos e os publicasse em livro. Assim, as palavras a ela dirigidas alcançariam uma multidão de almas, tornando-se fonte de copiosas graças: “Peça que Eu passe por este livrinho como passava outrora [pela terra], curando e atraindo a Mim”.⁸

O primeiro volume de suas locuções interiores foi publicado de forma anônima em 1949, com prefácio do Bispo de Nantes, Dom Jean Villepelet. Hoje disponível em diversos idiomas, a obra recebeu da autora o sugestivo título: *Lui et moi* – Ele e eu.

Fé, confiança e reciprocidade

Ao longo dos sete volumes que compõem essa obra de Gabrielle, o convite à intimidade feito por Nosso Senhor repete-se como um refrão: “Fala comigo, minha pequena alma. Fala comigo. E os nossos corações se unirão. Não é esse o objetivo dos meus cristãos?”⁹

Um episódio muito eloquente, ocorrido durante uma refeição, mostra bem a sofreguidão com que o Salvador deseja ser invocado pelas almas: “No *Benedicite* eu disse: ‘Amor meu, abençoe a minha refeição’. [Ele respondeu:] ‘Só pelo fato de teres dito ‘Amor meu’, Eu abençoarei. Sabes que sou mais sensível que o mais sensível dos homens, e que vossas palavras ternas e infantis têm grande poder sobre o meu Coração?’”¹⁰

Ao longo dos séculos, o inimigo infernal procurou de todas as formas fazer a humanidade acreditar que Deus Se identifica com um ser severo e distante, mais ou menos atento aos acontecimentos mundiais e de todo alheio à vida particular dos homens. Durante um colóquio em 20 de março de 1947, Jesus mostrou a Gabrielle o quanto essa mentalidade é oposta aos sentimentos

de seu Sagrado Coração: “Quando Me dás um sinal de amor, enches-Me de alegria... Se tu soubesses! Não Me sinto mais como um estranho, o ‘indiferente’ que Eu sou para a maioria dos homens... Tu, compreende-Me melhor. Dize tuas palavras íntimas. Eu as colocarei como um ramo de mirra sobre o meu peito”.¹¹ Para conceder ao Redentor esse consolo, entretanto, o homem precisa renunciar à procura do progresso espiritual baseado nos próprios méritos e reconhecer-se objeto de um amor gratuito. Em suma, ele deve deixar-se amar, com humildade e simplicidade.

Em outro trecho, Nosso Senhor revela que nada O fere mais do que a desconfiança e que a indiferença deve ser vencida com energia: “Meus amigos íntimos, por quê? Por que não Me invocam com mais força em sua vida interior? Se a sua fé estivesse menos próxima da incredulidade! Se a sua esperança contasse com o meu socorro! E se simplesmente o seu amor Me amasse mais. Seu dia seria em tudo presidido por Mim, e quando a noite chegasse, os seus olhos fechar-se-iam novamente contemplando a minha face. Sabes adormecer assim nos meus braços? Queres aprender melhor? Lembra-te de que é preciso recomeçar o esforço muitas vezes. É preciso tentar crescer. É preciso ter muito cuidado para não estares satisfeita contigo mesma. Mas, frequentemente, contempla a tua miséria e conta-me sobre ela, tal como a conheces. Então, quanto o meu Coração se sentirá compelido a ajudar-te, uma vez que serás bem pequena, bem fraca. Ao chamar-Me, não deixes de

Me dar os nomes mais ternos. Eu reconhecerei a tua voz”.¹²

Por fim, para dissipar as últimas dúvidas que poderiam assaltar as almas, o Redentor dirigiu a Gabrielle novas palavras de encorajamento. Enquanto ela se admirava da extraordinária rapidez com que a primeira edição de *Ele e eu* se esgotara, Nosso Senhor interveio:

“Atribua isso à minha vontade, auxiliada pela do Coração Doloroso e Imaculado de minha Mãe. E sabes o que estamos fazendo ao escrever estas páginas? Estamos dissipando a ideia errônea de que a intimidade da alma

“Ah! Minha filha, que alegria seria para Mim e para ti se cada ser finalmente se tornasse amigo fiel, uma voz confiante que Me chama, oferecendo-Me seu recanto mais íntimo – seu coração – como minha morada habitual! Acreditas que Eu não despertaria a efusão de profundezas que mantive instintivamente ocultas, aguardando a chegada de um amigo digno de estima?”

“E quando se compreende que Cristo, o Salvador, poderia e desejaria ser aquele Amigo único, inefável, suplicante e grato; quando se vislumbra a alegria que Ele sente ao ser acolhido por sua criatura – a qual uma falsa humildade mantinha à distância –, então, num ímpeto de entusiasmo inteiramente novo, a alma consagra todo o amor de que é capaz para honrar o Deus que nela habita”.¹³

Mensagem sempre viva e atual

Após uma vida de fidelidade a Deus, marcada pelo amor ao próximo, iluminada por esmolas ocultas e por incontáveis sacrifícios, fadigas e provas morais suportadas com alegria, Gabrielle descobriu um avançado câncer no pulmão que, depois de dois meses, consumou a sua vida terrena no dia 9 de junho de 1950. Sua sepultura se encontra em Le Fresne-sur-Loire, onde a família Bossis tinha uma casa de veraneio.

Sua mensagem de amor e confiança em Jesus, todavia, continua viva e cada vez mais necessária à salvação das almas. Que ela encontre eco em nossos corações e transforme nossa existência num contínuo ato de gratidão e correspondência às torrentes de afeto que Deus nos outorga a cada instante. ✚



“Meu amor é, na realidade, para toda a alma que vive neste mundo”

Gabrielle na sua casa em Nantes (França)

seria possível apenas para os religiosos no claustro, enquanto meu Amor secreto e terno é, na realidade, para toda alma que vive neste mundo. Ela misteriosamente tem esse desejo, e isso é tão verdadeiro que todos querem ter o exemplo e o meio para alcançá-lo.

¹ BOSSIS, Gabrielle. *Lui et moi. Entretiens spirituels*. Paris: Beauchesne, 1983-1999, t.I, p.27.

² Ibid.

³ Cf. DANIEL-ROPS, Henri. Préface. In: BOSSIS, op. cit., t.II, p.9.

⁴ BOSSIS, op. cit., t.III, p.41.

⁵ Ibid., t.I, p.38.

⁶ Ibid., t.III, p.46.

⁷ Ibid., t.I, p.22.

⁸ Ibid., t.II, p.139.

⁹ Ibid., t.IV, p.21.

¹⁰ Ibid., t.II, p.64.

¹¹ Ibid., p.133.

¹² Ibid., t.IV, p.21-22.

¹³ Ibid., t.V, p.83.



Testemunho autêntico e fiel

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§2044 A fidelidade dos batizados é condição primordial para o anúncio do Evangelho e para a missão da Igreja no mundo. Para manifestar diante dos homens sua força de verdade e de irradiação, a mensagem da salvação deve ser autenticada pelo testemunho de vida dos cristãos: “O próprio testemunho da vida cristã e as boas obras feitas em espírito sobrenatural possuem a força de atrair os homens para a Fé e para Deus.”

O presente parágrafo nos leva a refletir sobre um ponto essencial na vida da Igreja: os êxitos apostólicos não se apoiam em técnicas, estratégias ou talentos humanos, mas sim na ação da graça na alma do apóstolo que, fiel à sua configuração com Jesus Cristo pelo Batismo, cumpre sua missão.

Nesse quadro, emerge uma pergunta: qual é a missão da Igreja? O próprio *Catecismo* responde: sua missão consiste fundamentalmente em evangelizar e ser o sacramento universal da salvação¹ e, ao mesmo tempo, em ser “o sinal e o instrumento da comunhão de Deus e dos homens”.² Em razão disso, a “mensagem da salvação” só se torna perceptível aos homens quando corroborada pelo “testemunho de vida”.

Em contrapartida, nada há de mais nocivo para o “anúncio do Evangelho” e a “missão da Igreja” do que a infidelidade do apóstolo, seja por palavras, seja por comportamentos discordantes da fé e da moral. A árvore má não pode dar bons frutos (cf. Mt 7, 18).

Esses ensinamentos se fundamentam no Decreto *Apostolicam actuositatem* do Concílio Vaticano II,

no qual se sublinha que as “boas obras feitas em espírito sobrenatural”, isto é, sob a moção da graça, “possuem a força de atrair os homens para a fé e para Deus”. O tema está amplamente explicitado no livro *A alma de todo apóstolo*, do abade trapista Dom Jean-Baptiste Chautard.

Nesse livro, demonstra-se que nenhuma obra apostólica é verdadeiramente fecunda quando destituída de vida interior e da consequente união com Deus e devoção a Nossa Senhora. Quem se lança à evangelização sem o suporte da graça e das virtudes recebe como consequência a esterilidade.

Como remédio para esse grande mal, Dom Chautard indica três pontos essenciais. 1. O apostolado deve ser o transbordamento natural da oração, da união do apóstolo com Deus. 2. O perigo da ilusão do ativismo: o apóstolo que se esgota em obras externas, sem vida interior, torna-se superficial e coloca em risco a própria alma. 3. O equilíbrio perfeito está em cultivar a vida interior, sem negligenciar o trabalho pela salvação das almas. Em suma, “o Deus das obras jamais deve ser abandonado pelas obras de Deus”.³

O modelo perfeito desse vínculo harmônico entre oração e ação foi Nosso Senhor Jesus Cristo, que Se retirava frequentemente para rezar e agia com eficácia na sociedade. Peçamos a Maria Santíssima, Rainha dos Apóstolos, a graça de termos uma exímia vida interior e, assim, sermos fiéis à vocação de batizados ao darmos testemunho de Deus neste mundo. ✚



Francisco Lecaros

Os êxitos apostólicos se apoiam na ação da graça na alma do apóstolo, o qual cumpre sua missão testemunhando com a vida a mensagem da salvação que prega com os lábios

Pregação de São Paulo em Cesareia, por Alexandre Cabanel - Museu Fabre, Montpellier (França)

¹ Cf. CCE 849.

² CCE 780.

³ CHAUTARD, OCSO, Jean-Baptiste. *A alma de todo apóstolo*. 2.ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2017, p.18.



Pe. Matteo Ricci

Arquivo Revista



O apóstolo da China

Atrair à Fé Católica um dos maiores impérios pagãos foi o desafio gigantesco de um jesuíta. Terá ele cumprido a sua missão?



✠ Ir. Michelle Tzu Yin Su

Um juvenzinho italiano, pertencente a uma aristocrática família, tinha o coração tomado por um sonho bastante incomum. Almejava ele nada menos do que conquistar a China para o Senhor! Povoava-lhe os pensamentos aquele vasto e misterioso império, assim como as feições dos simpáticos chineses, que ele havia contemplado, quicá, somente em gravuras...

O Altíssimo, que da morada celeste inspirava-lhe tais desejos em preparação para o futuro, providenciaria também a sua realização.

Padres jesuítas partem em missão

Matteo Ricci nasceu em 6 de outubro de 1552. Desde cedo aspirava a ser missionário e, aos dezoito anos, ingressou na ainda jovem Companhia de Jesus. Pouco depois recebeu a alvissareira notícia: ele e mais treze companheiros – entre eles o também jesuíta italiano Pe. Michele Ruggieri, do qual falaremos mais adiante – tinham sido autorizados a partir em missão para a Ásia.¹

Em maio de 1577 os novos missionários receberam a bênção do Papa Gregório XIII e, depois de alguns meses no colégio jesuíta de Portugal à espera de uma embarcação, no dia 24 de março

do ano seguinte partiram rumo às Índias Orientais.

Ricci concluiu seus estudos teológicos em Goa e, em 1580, foi ordenado presbítero na cidade de Cochim, para a qual havia sido enviado por razões de saúde. Tendo retornado a Goa, em abril de 1582 recebeu ordem de partir para a colônia portuguesa de Macau, onde – em companhia do Pe. Ruggieri, que ali já estava – preparar-se-ia para a evangelização do país aprendendo a língua chinesa e familiarizando-se com a cultura local.

Primeiros sucessos, com perseguições

Denominada então Império do Meio, a China era reputada como um território imenso e misterioso. Para adentrar no local, Ricci e seus companheiros decidiram primeiro ajustar a aparência: raparam barba e cabelos, e substituíram a batina negra por uma túnica cinza que lembrava as usadas por bonzos budistas. Assim, apresentavam-se como “monges ocidentais”.

Aos poucos o apostolado dos jesuítas começou a colher resultados. O governador da cidade de Zhaoqing, Wang P'an, deu aos “adoradores do Senhor

do Céu” – como eram conhecidos – a permissão de construírem uma casa e uma capela.

Como esperado, o acontecimento atraiu o ódio e os embustes do inimigo infernal. Um acidente envolvendo uma criança – que teria caído de um muro ao observar a capela – acabou gerando falsas acusações de sequestro. Os padres precisaram comparecer diante de Wang P'an para serem julgados. O Pe. Matteo Ricci, por sua vez, defendeu-se com habilidade e acabou vencendo a causa.

Contudo, se nessa batalha os jesuítas saíram vitoriosos, a guerra contra eles persistia. Tantos eram os empecilhos no apostolado dos inicianos, que em dois anos apenas vinte pessoas haviam se convertido ao Cristianismo...

Dois companheiros se vão...

O Pe. Matteo Ricci enfrentou ainda novas provações. Em 1588 chegou da Europa uma ordem determinando o retorno do Pe. Michele Ruggieri à Itália. Ricci perderia um importante companheiro de missão, com quem atravessara os primeiros anos de sofrido apostolado.

O Pe. Ruggieri é lembrado como um dos principais evangelizadores da

China, em boa medida pelos vários livros que publicou durante a missão. No entanto, sempre teve muita dificuldade com o idioma local, enquanto Pe. Ricci dominava melhor a língua falada e escrita. Assim, teve apenas um papel discreto, mas imprescindível, na redação desses textos.

Para substituí-lo, foi enviado o português Pe. António de Almeida, que adoeceu e morreu não muito tempo depois, aos trinta e quatro anos. Seu funeral, realizado com solenidade e com a honra própria a louvar os antepassados, tão admirada pelos chineses, gerou muita comoção e até conversões.

Mudança de tática

Tendo o Pe. Ricci estabelecido residência na cidade de Shaozhou, certo dia um jovem letrado chamado K'iu T'ai-sou, que abandonara a carreira para estudar o confucionismo – sistema de ideias de Confúcio (551 a.C. - 479 a.C.) que valoriza a harmonia social, a

reverência aos mais velhos, os ritos e os deveres familiares, além de virtudes como a justiça –, pediu para ser seu discípulo, visando sobretudo aprender os mistérios da Alquimia.

O jesuíta, que trouxera muitos conhecimentos do Ocidente, aceitou sem grande entusiasmo; mas, com o passar do tempo, o próprio aluno se aproximou da Religião e acabou por se converter à Igreja Católica, tornando-se dedicado seguidor do Pe. Ricci.

K'iu T'ai-sou aconselhou seu mestre a se diferenciar dos bonzos budistas – que, embora respeitados, eram mal vistos devido à decadência de alguns – e a se aproximar dos sábios. Ricci relutou um pouco, mas, pensando nos frutos apostólicos que poderia obter, por fim aquiesceu. Substituiu a túnica cinza pela vestimenta em seda azul escura, deixou a barba e o cabelo crescerem, e passou a usar o característico chapéu negro. E não só sua indumentária sofreu mudanças; a partir dessa época, ele

começou a assinar Li Ma-teu, adaptação de seu nome acompanhada do sobrenome de uma antiga família chinesa.

Esse ajuste foi decisivo: na interação com o confucionismo, Ricci encontrou uma base para explicar as verdades da Fé com mais aceitação entre os letrados, elevando assim o número de conversões.

“Eu sou Deus”

Apesar dessas consolações, o apóstolado caminhava em marcha lenta. Se tanto trabalho não buscava senão a glória de Deus, por que o Senhor permitia tamanhas dificuldades?

Durante uma viagem fluvial, rumando a Pequim com o intuito de se encontrar com o imperador, o Pe. Ricci contemplava o panorama, imerso em anseios e incertezas, quando uma mão tocou seu ombro e uma voz se fez ouvir:

— Então queres percorrer este país e abolir a antiga religião para introduzires uma nova?



Reprodução

Um ajuste foi decisivo: na interação com o confucionismo, Ricci encontrou uma base para explicar as verdades da Fé com mais aceitação entre os letrados, elevando assim o número de conversões

“A aliança cultural entre Matteo Ricci e Xu Guangqi” - Museu da China, Xangai (China); na página anterior, Matteo Ricci

Espantado, virou-se em direção a quem o segurava e perguntou:

— Vós conheceis meu segredo! Sois Deus ou o demônio?

— Eu sou Deus!

Pe. Ricci caiu de joelhos e exclamou:

— Senhor, se Vós conheceis meus desejos, por que não me ajudais?

Sem proferir palavra, o Altíssimo fez o jesuíta virar-se para a frente e mostrou-lhe a seguinte visão: um deslumbrante portal, ladeado por torres altas, e arbustos que cobriam as margens de um rio. Ricci percebeu tratar-se de uma graça que lhe prenunciava ser aquele o local do sucesso de sua missão.

Pouco tempo mais tarde, por motivos de saúde ele foi obrigado a dirigir-se a Nanquim, literalmente *capital do sul*. Quando chegou à entrada da cidade, não podia acreditar no que seus olhos contemplavam: reconheceu o mesmo portal da visão! Por inspiração, compreendeu que, a partir dali, Deus rea-

lizaria a promessa, embora até aquele momento tivesse apenas um discípulo.

Um debate com monges budistas

Em Nanquim, muitos já conheciam Ricci e não estranharam sua mudança de aparência, pois o reconheciam como erudito. Ainda assim enfrentou discussões, como a com Li-Pen-kiou, renomado sábio budista de setenta e quatro anos, acompanhado do célebre Houang-San-hui e outros vinte e cinco bonzos.

O ancião convidou o Pe. Matteo Ricci para um banquete em sua residência e, durante a refeição, propôs um debate sobre religião. A discussão remeteu aos diálogos bíblicos entre Jesus e os doutores da Lei: na tentativa de desmoralizar o jesuíta publicamente, os monges não conseguiram rebater seus argumentos e retiraram-se humilhados após oito horas de debate!

Houve ainda ocasiões semelhantes, nas quais, por proteção divina e inspiração do Espírito Santo, o Pe. Ricci saiu sempre vitorioso. Assim, sua fama foi crescendo e dando aos mandarins ocasião de aceitarem a verdadeira Fé.

Todavia, ele não atingira ainda seu principal objetivo: entrar na Cidade Proibida – conjunto de edifícios do palácio imperial, localizado no

centro de Pequim, no qual nenhum estrangeiro havia ingressado até então – e falar com o imperador.

Com um relógio de cordas, ao palácio real

Matteo Ricci não era só inteligente, como também muito sagaz para conquistar seus objetivos. Procedeu, então, à encomenda de vários presentes ao Rei Filipe II da Espanha, que lhe serviriam de pretexto para chegar até o soberano chinês.

Após iniciarem suas tentativas, o Pe. Matteo Ricci e seu companheiro – um sacerdote espanhol de nome Diego Pantoja – foram detidos por quase um ano, vítimas da inveja de um eunuco. No entanto, graças à intervenção de amigos, conseguiram finalmente entregar as dádivas ao imperador, que lhes agradeceu por meio de uma missiva.

Entre os objetos presenteados, havia um especial. Com perspicácia, Pe. Matteo idealizou um estratagema para garantir uma nova audiência com o imperador: consciente da fascinação chinesa pela contagem do tempo, ofereceu ao monarca um precioso relógio de cordas, programado, porém, para funcionar apenas por um dia... Quando o relógio parou, como que por encanto, o



Por proteção divina e inspiração do Espírito Santo, o Pe. Ricci saiu sempre vitorioso. Assim, sua fama foi crescendo e dando aos mandarins ocasião de aceitarem a verdadeira Fé

Acima, o primeiro mapa-múndi chinês, confeccionado por Matteo Ricci e seus colaboradores - Biblioteca Nacional da China; à esquerda, versão em chinês de "Os elementos" de Euclides, traduzida pelo missionário, e manuscrito do Dicionário Português-Chinês preparado pelo Pe. Ricci e pelo Pe. Ruggieri



Reprodução

Os planos do Pe. Ricci, inspirados pela graça, obtiveram resultado. O imperador ficou tão impressionado com o obséquio dos padres jesuítas que desejou conhecê-los pessoalmente

Vista panorâmica da atual Cidade Proibida, em Pequim;
à direita, Imperador Wanli, que recebeu os missionários em seu palácio

próprio imperador solicitou o retorno de Ricci ao palácio para que “reparasse” o mecanismo.

Os planos, inspirados pela graça, obtiveram resultado. O imperador ficou tão impressionado com o obséquio que desejou conhecer pessoalmente os padres jesuítas. A curiosidade do monarca pelo Ocidente, por seus costumes, construções e paisagens foi tamanha que ele solicitou aos sacerdotes que lhe pintassem algumas cenas europeias.

Esses acontecimentos impulsionaram o apostolado dos missionários e permitiram que o Cristianismo se enraizasse no Império do Meio. Foram erigidas igrejas e fundadas várias casas jesuítas, destinadas tanto aos filhos de Santo Inácio provenientes da Europa quanto aos novos membros jesuítas chineses. Para documentar a missão, Pe. Matteo Ricci redigiu em sua língua natal a obra *Della entrata della Compagnia di Giesù e Christianità nella Cina*.

Últimos anos de vida

Aos cinquenta e seis anos, o Pe. Matteo Ricci já exibia cabelos e barbas en-

canecidos; sua fisionomia estampava os imensos sacrifícios enfrentados. Incansável, nunca recusou a oportunidade de fazer o bem às almas, dedicando-se inteiramente a Deus sem se importar com o peso da idade, a fadiga ou as enfermidades.

Finalmente, a 11 de maio de 1610 proferiu suas últimas palavras, que se revelaram uma verdadeira profecia: “Deixo-vos ante uma porta aberta com grandes méritos, mas não sem muitos perigos e tribulações”. Sua morte inspirou respeito aos chineses e, para surpresa geral, o imperador permitiu seu sepultamento em Pequim, o que era terminantemente vetado aos estrangeiros.

A Igreja Católica venceu na China!

Ao percorrermos sumariamente a vida do Pe. Matteo Ricci e considerarmos, por uns instantes, a realidade atual da China, uma pergunta pode nos assaltar: “A história é muito bonita, mas não que resultou tudo isso? A China nunca se tornou realmente um país cristão...”

De fato, tanto esforço parece não ter gerado os frutos com que se sonhava no

início daquele apostolado, a menos que analisemos a História sob a perspectiva de Deus. Para Ele, o valor do sacrifício apostólico do Pe. Matteo Ricci – assim como das almas que se salvaram por sua mediação – é inimaginável, por constituir o cumprimento da vontade divina a seu respeito. Assim, a fidelidade desses poucos resulta, aos olhos do Senhor, mais preciosa do que a rejeição daqueles que não creram.

Ademais, quem sabe se, no futuro, a China não se tornará filha da Santa Igreja Católica por ação de novos missionários? Quiçá a Providência esteja apenas aguardando o momento oportuno para derramar torrentes de graças novas sobre o Império do Meio, colhendo os frutos da abnegação daqueles que, no passado, doaram-se sem contemplar o florescimento de seu apostolado.

Sem titubear, podemos afirmar que a Fé Católica triunfou, sim, em solo chinês, pelo sacrifício dos que ali viveram valorosamente o célebre lema jesuíta: “*Ad maiorem Dei gloriam*”!¹ ✦

¹ Os dados históricos e biográficos contidos no presente artigo foram extraídos das obras: CRONIN, Vincent. *Matteo Ricci. Le sage venu de l'Occident*. Paris: Albin Michel, 2011; SPENCE, Jonathan Der-mot. *O palácio da memória de Matteo Ricci*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986; FÜLLÖP-MILLER, René. *Os jesuítas: seus segredos e seu poder*. Porto Alegre: Globo, 1946.

Esperança e desânimo duelam no Atlântico

O descobrimento da América é, paradoxalmente, muito famoso e muito pouco compreendido em detalhes. Quando o analisamos de perto, constatamos que o precedeu um mar de incertezas e desmentidos.

✧ José Arturo Peralta Concepción



Atomada de Granada, em janeiro de 1492, foi o último ato da Reconquista Espanhola. Ao fim de oito séculos de guerra, parecia que chegara o momento de descansar.¹

Pareceria... se um navegador de Gênova, neste mesmo mês de janeiro, não tivesse comparecido à corte dos Reis Católicos, Fernando II e Isabel, para apresentar um plano ousado: navegar até a Índia por uma nova e potencialmente lucrativa rota. Seu nome era Cristóvão Colombo.

No início, a sua proposta foi rejeitada. Mais tarde, após respeitosa discussão, os soberanos interessaram-se pelo empreendimento. O único empecilho

residia no fato de, ao fim de uma guerra tão longa, não haver ouro suficiente para custear uma viagem de tal magnitude. Entretanto, Luis de Santángel, tesoureiro real, interveio e convenceu os monarcas a adiantarem os valores necessários. Era um risco – e dos grandes!

Os reis aprovaram os planos de Colombo e concederam a ele tudo quanto podiam para que empreendesse a viagem... com exceção dos acompanhantes. O navegador precisou recrutar marinheiros entre os encarcerados, prometendo-lhes o favor régio da liberdade. Se voltassem com vida, claro... Vários cativos aceitaram a proposta. Não eram a flor da humanidade; mas quem

mais aceitaria embarcar em missão tão arriscada?

Reunidos o comandante, as naus e a tripulação, estava tudo preparado.

A aventura começava...

O imenso desconhecido

Colombo estava prestes para começar o maior lance da sua vida e uma das maiores epopeias da História. Uma aventura pelo mar caprichoso rumo ao mistério, através de uma rota sequer sulcada pela vã imaginação humana.

Chegaria à tão esperada Índia? Ninguém sabia. As consequências possíveis, porém, eram evidentes: a morte em meio ao desconhecido, a vergonha entre seus contemporâneos ou uma glória que atravessaria os séculos.

No dia 3 de agosto de 1492, o comandante deu ordem para fazerem-se ao mar. Santa Maria, Pinta e Niña, as três donairosas naus, impelidas pela fresca brisa matutina estenderam uma a uma as velas, nas quais a cruz triunfante abria os braços caritativos. Sem

No início, a proposta de Colombo foi rejeitada. Mais tarde, os soberanos espanhóis interessaram-se pelo empreendimento

Colombo diante dos reis da Espanha, por Emanuel Leutze - Museu do Brooklyn, Nova York



dúvida, era um dia grandioso na vida de Colombo.

Partiu. À medida que o porto ficava para trás, tudo se tornava água. Aflava o melhor dos ventos, e os três navios pareciam cisnes de carvalho a navegar garbosamente pelas até então tranquilas correntes do Atlântico. Reinava dentro dos navios uma profunda calma e uma imensa esperança.

Nos primeiros dias, Colombo começou a pensar na imensidão da sua conquista, no que conseguiria se fosse bem-sucedido, ou que nunca teria caso fosse derrotado pelo inimigo insidioso a quem chamam de mar. Sabia que tudo aquilo que tanto almejava poderia estar se realizando naquele momento; e o que temia também.

Esperava que a Providência não o defraudaria. Confiava também na veracidade dos relatos associados ao Oriente, isto é, nas descrições do explorador veneziano Marco Polo e nas fantásticas narrações de João de Mandeville.

A tragédia bate às portas

Passados alguns dias, chegou a Colombo a notícia de que o leme da Pinta se quebrara e que o seu conserto seria prolongado. Viu-se então na contingência – concluem certos historiadores – de fazer uma escala nas Ilhas Canárias. Quis ele, é verdade, buscar outra caravela para substituir a lesada, mas, sem nada encontrar, teve de se conformar com o pequeno navio e o tempo de seu reparo. O seu ardoroso desejo de chegar à Índia teria de submeter-se a um mês de espera em terra firme. Depois desse atraso, zarparam novamente rumo ao poente, mesmo com o vento desfavorável.

Muitos marinheiros sentiam os corações oprimidos, pois estavam passando por uma situação sem precedentes: desconheciam de todo a sua localização, bem como o prazo estimado para avistar terra firme.



Colombo estava prestes a começar o maior lance da sua vida e uma das maiores aventuras da História, singrando uma rota desconhecida

Primeira viagem de Colombo à América; em destaque, o navegador genovês, por José de la Vega Marrugal - Câmara Municipal de Sevilha (Espanha)

Foi então que Colombo procurou aliviar a tensão com promessas baseadas em estimativas: falava de distâncias que, segundo ele, faltariam para alcançar o destino. Mas devaneios não saciam ninguém: “Enquanto faziam milhas e mais milhas, e à medida que corriam dias e mais dias sobre o mar interminável, tornava-se cada vez mais impetuosa a obsessão de vislumbrarem a Terra da Promissão”.²

Por isso, todo sinal de proximidade de terra firme que aparecia, fossem aves, fossem folhagens na água, ocasionava um verdadeiro surto de entusiasmo... que logo se dissolvia. Vagavam num infundo deserto de água.

Quando as provisões e a certeza foram se esgotando, a revolta tornou-se inevitável. A tripulação constituída por ex-prisioneiros não tinha a disciplina exigida para tais circunstâncias...

Colombo precisou agir com firmeza contra a revolução que se armava. Reuniu os marinheiros e lembrou-lhes de todos os benefícios que haveriam de receber ao aportar no destino. Tentava ainda convencer todos de que se encontravam muito perto dele – embora, na prática, estivessem apenas na metade do caminho.

Para mitigar o conflito, chegou a ameaçar medidas severas contra os revoltosos.

O que mais esperar?

Os nervos de Colombo não estavam menos tensos que os do resto da tripulação. A longa espera era desalentadora, e as dúvidas não cessavam de assomar a seu espírito.

Realmente encontrariam terra? E se a “terra prometida” fosse apenas um mito? E se tudo não passasse de engano, o que fazer com aquela gente? Como voltar, se estivessem longe demais do porto? E com a água e as provisões diminuindo, como evitar um fim trágico?

Amargurado com tais pensamentos, a 25 de setembro Colombo chamou Alonso Pinzón, comandante da caravela Pinta, e perguntou se, pelo mapa, não seria esperado que a terra tivesse sido avistada antes. Pinzón concordou... Mesmo assim, nenhum dos dois ousou comentar o assunto. A situação era, sem dúvida, muito grave.

A única salvação era um milagre.

Terra à vista?!

No entardecer daquele mesmo dia de setembro, Pinzón gritou da popa da



**Quando a morte, armada da sede, da fome e da peste,
cercava os conquistadores, quando tudo parecia derrotado,
surgiu a vitória como um gêiser**

Desembarque de Cristóvão Colombo na América,
por John Vanderlyn - Capitélio dos Estados Unidos, Washington, D.C.

embarcação que avistara terra. Ao ouvirem a notícia, muitos subiram nos mastros para ver melhor. Outros gritavam e riam de alegria. Outros caíam de joelhos e rezavam a Deus em ação de graças.

O almirante deu ordens para navegarem na direção apontada por Pinzón. Depois de atravessarem mais de quinze léguas, descobriram que, afinal, tinham sido iludidos por uma miragem.

O desânimo assaltou fatalmente os navegantes. Continuaram a viagem, sim, mas perdendo uma a uma as esperanças de encontrarem algum mísero pedaço de terra. Colombo, apesar dos pesares, mantinha-se firme e confiante.

Pouco tempo depois, em meio ao desalento de todos pela morte iminente, soou um aturdidor tiro de canhão que os acordou da modorra interior: novo sinal de que tinham avistado terra. Içaram a bandeira e se movimentaram como da vez anterior, em busca do que tanto esperavam.

Nova frustração...

Vitória inesperada

Fosse como fosse, talvez não se encontrassem tão longe de um porto

seguro. Dia e noite avistavam pássaros voando, indicando a proximidade da terra, trazendo assim um pouco de alento a Colombo.

Na noite do dia 11 de outubro, depois de a tripulação cantar a *Salve Regina*, como de costume, o explorador genovês reuniu a todos e, dirigindo-lhes a palavra, agradeceu a Deus pela travessia tão protegida e pela “Índia” que esperavam encontrar com tanta ânsia. Assim, ele desejou passar a noite em vigília.

Duas horas antes da meia-noite, um marinheiro creu divisar algum vulto mexer-se no horizonte. Não se atreveu, entretanto, a comentar a respeito, para evitar falsos alarmes. Quando raiou o amanhecer, divisou aquilo por que tanto esperara e que confirmou todas as suas certezas.

Terra à vista! A firme e bendita terra com que tanto sonharam! Estavam salvos!

Todos exultavam de alegria, cantando o *Te Deum* a plenos pulmões.

Assim, após tantos infortúnios, um novo mundo se descortinava diante dos seus olhos: as Américas.

Era o começo de uma nova epopeia.

Quando tudo parecia derrotado...

O descobrimento da América é, paradoxalmente, muito famoso e muito pouco compreendido em detalhes. A navegação empreendida por Colombo não consistiu apenas na travessia do Atlântico: ela comportou também um longo mar de provações, incertezas e desmentidos, ao fim do qual estava um triunfo revestido de particular beleza pois, “quando a vitória esperada chega, é muito bonito”, comentava Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, “mas, quando a vitória inesperada chega, é mais bonito ainda”.³

Eis a admirável aventura dos descobridores da América. Apesar dos reveses e mesmo das revoltas, souberam perseverar dia após dia, entrevedo atrás de cada onda a terra almejada. Quando a morte, armada da sede, da fome e da peste, os cercava, “quando tudo parecia derrotado, surgiu a vitória como um gêiser”.⁴

Eis a história daqueles que se lançam no desconhecido rumo à conquista de um ideal. Pois este é o modo divino de escrever as gestas que, como a de Colombo, alteram a face da terra: quanto maior o oceano a ser atravessado, maiores tendem a ser as tempestades; e quanto maior a esperança sustentada pelo herói, maior também o brilho do encontro final. ✦

¹ As informações históricas contidas neste artigo foram extraídas das seguintes obras: AZCONA, OFMCap, Tarsicio de. *Isabel la Católica. Estudio crítico de su vida y su reinado*. Madrid: BAC, 1964; BAKER, Nina Brown. *Cristóvão Colombo*. Porto: Civilização, 1962; IRVING, Washington. *Crônica de la conquista de Granada*. Granada: Miguel Sánchez, 1987; MADARIAGA, Salvador de. *Cristóvão Colombo*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1944; SCHNEIDER, Otto. *Cristóvão Colombo*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]; WALSH, William Thomas. *Isabel la Cruzada*. 4.ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1963.

² SCHNEIDER, op. cit., p.59.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 10/8/1991.

⁴ Ibid.

...o que significa a palavra “amém”?

A palavra *amém*, derivada da raiz hebraica מֵן (*mn*), está relacionada à ideia de firmeza, verdade, segurança e confiança.

No Livro do Deuteronômio, por exemplo, o povo é admoestado por Moisés a responder “amém” (27, 15-26) às maldições pronunciadas contra aqueles que violarem a Lei de Deus, manifestando assim seu acatamento à justiça divina. Já o profeta Jeremias responde “Amém, Senhor” (Jr 11, 5), ao acolher uma ordem do Altíssimo. O termo aparece em numerosas ocasiões nos escritos da Antiga Aliança.

Os Evangelistas conservam a palavra na forma grega – ἀμήν (*amén*) –, traduzida em geral como *em verdade*. Com a força da auto-

ridade, Jesus emprega-a no início de declarações solenes. No Evangelho de São João chega a repetir o termo para dar ênfase à revelação: “Em verdade, em verdade [*amén amén*] vos digo: antes que Abraão fosse feito, Eu sou” (Jo 8, 58). Nosso Senhor utiliza essa expressão para

testemunhar que algo merece confiança e pleno crédito. Assim, o Apocalipse O chama “Amém”, pois Ele é “a testemunha fiel e verdadeira” (Ap 3, 14).

Na Liturgia, o termo adquire novo esplendor. Ao longo da Santa Missa, os fiéis o pronunciam várias vezes como profissão de fé. Na recepção da Sagrada Eucaristia, por exemplo, o “amém” expressa a crença na Presença Real após o ministro proclamar: “O Corpo de Cristo”. Por fim, essa palavra encerra e confirma as nossas orações, manifestando confiança em Deus e adesão a seus desígnios.

Oxalá seja também a nossa vida um constante “amém”, a testemunhar nossa total adesão à Santa Igreja! ✠



Reprodução
Primeira bênção “Urbi et orbi” de Leão XIV, 8/5/2025

...que alguns hábitos religiosos foram escolhidos por Nossa Senhora?

Sexta-Feira Santa de 1239. Sete homens estavam reunidos quando, num arroubo místico, tiveram uma visão de Nossa Senhora. Embora resplandecesse com incomparável formosura, a Virgem manifestava profunda tristeza. Com lágrimas nos olhos, portava um hábito religioso da cor do luto. Rodeavam-na numerosos Anjos: alguns traziam emblemas da Paixão, outro segurava um pergaminho com as palavras *Servos de Maria*.

Extasiados, os prediletos escutaram o que Nossa Senhora tinha a lhes dizer: “Vede o hábito que doravante haveis de trazer. A sua cor negra indica as dores que Eu experimentei, especialmente neste dia, pela Morte de meu único Filho Divino”. A Mãe do Redentor desapareceu, deixando consignados o hábito e a missão da Ordem dos Servitas.

Essa é apenas uma dentre várias histórias semelhantes que ocorreram na Idade Média. Com efeito, de modo muito parecido ao episódio acima narrado nasceram os hábitos dos premonstratenses e dos mercedários, bem como a cogula branca dos cistercienses e o escapulário dos carmelitas e dos dominicanos.

Desse modo Nossa Senhora, além de estabelecer um vínculo com essas Ordens Religiosas, também indicou o quanto é indispensável àquele que ingressa no serviço de Deus o uso de trajes apropriados.

Se é verdade que “o hábito não faz o monge”, também resulta evidente que o hábito, quando portado por um religioso fiel à sua vocação, encoraja os vacilantes, convida à conversão os que se abrem à graça e é “sinal de contradição” (Lc 2, 34) para os incrédulos. ✠



Francisco Lecaros

Nossa Senhora entrega o hábito da Ordem dos Servitas aos sete fundadores - Igreja Nossa Senhora das Dores, Córdoba (Espanha)



Sergio Holmann

Santidade heroica ou heroísmo na santidade...

Homem de carne e osso, mas capaz de voar, de operar milagres e de macerar seu corpo com implacáveis penitências... qual dos seus exemplos poderemos imitar?



Thiago Resende Barbosa

Todo Santo é um herói, mas não “super”!... Faz-se necessário afirmá-lo no início deste artigo, em que nos propomos a discorrer sobre a vida de São Pedro de Alcântara, pois os homens de nosso século estão inconscientemente habituados a conceber as grandes obras à maneira como são apresentadas nos filmes de Hollywood: uma personagem acima da média, para o qual tudo ocorre de maneira favorável e que encerra sua epopeia com um enorme sorriso legendado pelo famoso *happy end*.

O mais curioso é que, não raras vezes, sucede a esse super-herói deparar-se com situações dramáticas, nas quais se revela nele uma força inédita, superior à dos demais seres humanos, o que lhe permite realizar feitos dolorosíssimos... sem nenhum sofrimento.

É essa uma visão errada e perigosa, sim; mas infelizmente muito difundida, inclusive em meios católicos...

Imbuídos desses pressupostos, será mais fácil compreender que quando, no ano de 1499, foi anunciado o nascimento de um menino na aldeia de Alcântara,

Espanha, não se tratava de um super-herói, mas de um filho de Adão, fraco e pecador como tantos outros que ali vinham ao mundo. Entretanto, esse recém-nascido, auxiliado pela graça e coroado por inúmeros sofrimentos, tornar-se-ia um grande Santo.

O menino, o jovem e o estudante

O nome desse recém-nascido era Juan. E, se é verdade que ele viveria no mesmo século do célebre Juan d'Áustria, general vitorioso da batalha de Lepanto, não é menos verdade que lhe rivalizou, à sua maneira, em heroicidade.

Juan de Garavito y Vilela de Sanabria era filho de nobres católicos, os quais souberam instruir-lhe na Fé desde a infância. Tal formação foi de uma valia incomensurável, pois o pequeno fidalgo não cresceu apenas em idade, mas também em graça e sãs convicções. Seu pai, porém, faleceu ainda muito jovem.

Já moço, Juan ingressou na Universidade de Salamanca. Ali, longe dos divertimentos comuns à juventude daquele tempo, a distração do estudan-

te era estar na presença do Santíssimo Sacramento. Nesses colóquios silenciosos uma incerteza o atormentava: que carreira seguir? Sentia-se chamado ao sacerdócio; mas seria religioso ou secular? A vida conventual muito o atraía; contudo, como a qualquer ser humano, as glórias do século o seduziam.

Embora tenha consultado muitos santos varões sobre a matéria, nenhum deles conseguiu apaziguar o seu espírito. Nesse ínterim, regressou a Alcântara para as férias de verão.

Deus, afinal, responde às suas indagações

Certo dia, novamente aos pés do sacrário, Juan rezava. Quiçá indagava ao Senhor o rumo que Lhe aprazia para a sua vida. Olhando ao redor, avistou dois religiosos descalços, portando um hábito marrom e cingidos com uma corda de três nós. Qualquer um os teria tomado por simples franciscanos. Para Juan, porém, eles eram a resposta de Deus.

Movido por aquele sopro da graça, o jovem estudante aproximou-se dos

frades e, abrindo sua consciência, deram o peso que o oprimia.

“*Deus qui ponit pondus, supponit manum*”,¹ reza o ditado latino. Entre os que ouviam a confiança se encontrava o Pe. Francisco Fregenal, superior de uma comunidade franciscana. Era, portanto, justamente aquele que podia estender a mão e acolhê-lo no lugar que a Providência lhe destinava. Como esperado, o sacerdote logo percebeu tratar-se de uma autêntica e excelente vocação, e decidiu, sem demoras, aceitá-lo no convento de Majarretes.

Saindo dali, Juan de Sanabria correu para acertar seus assuntos no mundo e, desejando poupar a sua família de uma comoção, partiu sem aviso. Tudo corria muito bem, até que seus caminhos bruscamente se fecharam: o rio Tiétar se encontrava em meio a uma tormenta. Cruzá-lo seria impossível para qualquer um... Qualquer um, exceto Deus!

Juan então implorou o auxílio do Onipotente e eis que, pela primeira de muitas vezes, pôs-se a voar!... Após transpor o rio e alcançar a outra margem, toda uma vida tinha ficado para trás; o retorno para ele não era mais uma opção.

Ao ingressar no convento, Juan de Sanabria “morreu” para ceder lugar a Frei Pedro de Alcântara: novo homem, novo nome, novos trajes, nova morada e nova missão. Esta não tardaria a revelar-se pois, ao contemplar as dificuldades que atravessava a Ordem Franciscana, ele compreendeu para que Deus o chamava.

Entre observantes e conventuais

Nos anos que se seguiram à morte de São Francisco de Assis, a Ordem dos Frades Menores passou por inúmeras contradições. Certa ala dos religiosos pendia para a suavização da regra, especialmente em matéria de pobreza. De fato, inúmeras concessões foram feitas nesse sentido, como as contidas na bula *Ad statum ordinis*, do Papa Martinho V.

Com o passar do tempo, a regra foi destituída de seu rigor original em

muitos pontos. Adaptação necessária, afirmavam alguns, para encaixar-se melhor no mundo de então.

Não faltaram, entretanto, almas que lutaram pela estrita observância: “É então que à voz de Bernardino de Sena, de João Capistrano, de Alberto de Sartiano e de Jacob da Marca, ‘as quatro colunas da observância’, como eram chamados, se delineia um movimento que, sem brigas, sem escândalos, vai unindo por livre adesão todos os conventos desejosos de viver integralmente a pobreza franciscana”.² Esses frades, partidários da regra primitiva, ficaram conhecidos como observantes; e os adeptos da regra mitigada, como conventuais.

Na região de Extremadura, quando Frei Pedro de Alcântara ingressou na Ordem, já estava formada a Custódia do Santo Evangelho, constituída por três conventos que restaram da tentativa de uma reforma empreendida anos antes pelo Pe. Juan de Guadalupe. Reinava ali um espírito de maior austeridade de vida e o desejo de cumprir fielmente as regras do fundador.

Algum tempo depois, o conjunto de conventos que constituía a Custódia do Santo Evangelho foi elevado à categoria de província, com o nome de São Gabriel, adquirindo, assim, maior liberdade de governo dentro da própria Ordem. Frei Pedro ocupou vários cargos nessa província, até que, em 1538, foi eleito ministro provincial. Sancionou então constituições de observância mais estrita e, para garantir seu cumprimento, percorreu pessoalmente cada uma das casas.

Encerrado seu mandato, o santo frade dirigiu-se a terras lusas. Lá converteu a agreste região da Arrábida num terreno fértil para Deus. Não foi sem razão que o Geral da Ordem, Frei João Calvo, chegou a comover-se por ver tanto heroísmo naqueles frades que viviam em condições extremas. Aquele exemplo não era apenas comovente: era sobretudo atraente. A tal ponto que um dos acompanhantes do Geral, não resistindo, solicitou autorização para ali



Maior austeridade de vida e desejo de cumprir fielmente as regras do fundador eram os ideais de São Pedro de Alcântara

De cima para baixo: entrada da cela de São Pedro de Alcântara, refeitório e cozinha de um dos conventos por ele fundados, Pedroso de Acim (Espanha); na página anterior, São Pedro de Alcântara - Museu do Escorial, Madri

Fotos: Francisco Lecaros

permanecer e, como ele, muitos outros se fascinaram por essa radical forma de entrega a Deus.

O reformador

Após esses primeiros experimentos, Frei Pedro decidiu levar a cabo a missão à qual se sentia interiormente chamado. Não se contentava com a “meia radicalidade” vigente na Província de São Gabriel; desejava reformar tudo segundo a fonte inicial, isto é, conforme o ideal do fundador.

Esse anseio bastou para que os vagalhões da perseguição o atingissem, e até mesmo para que seus superiores e os mais próximos o tivessem por louco e descredissem sua iniciativa...

O desânimo, porém, não constituía parte de seu vocabulário. Caminhando sobre as pegadas do *Poverello*, Pedro de Alcântara dirigiu-se a Roma a fim de apresentar ao Sucessor de Pedro suas intenções relativas à Ordem Seráfica. Fê-lo com as mãos sobre os Evangelhos e, diante daquele novo Francisco de Assis, Paulo IV apoiou o empreendimento. Para viabilizar sua reforma, o Papa desvinculou-o da obediência aos superiores da Observância local – que se opunham ao seu rigor – e o integrou à jurisdição dos Conventuais, cujo Ministro-Geral oferecia o respaldo e a liberdade necessária para a implementação da estrita regra primitiva.

Muito ingênuo provaria ser quem acreditasse que isso sanaria todas as desavenças. Na verdade, voltando à Espanha e retomando seu apostolado, já sob a tutela dos Conventuais, não tardou

para que o Comissário-Geral da Ordem na Espanha o intimasse a renunciar a seus projetos acusando-o de “hipócrita, visionário, temerário, exaltado”³ e perturbador da paz na província.

Passando por cima dessas dificuldades, aquele zeloso frade realizou uma obra realmente colossal. Novos eremitérios foram fundados, todos eles animados pela radicalidade que o

da Espanha e, em 8 de maio de 1559, o breve *Cum a nobis*, conferiu-lhe o poder de fundar em qualquer parte do mundo conventos, custódias e províncias, além de outorgar-lhe a faculdade de escolher três juízes, que resolveriam as desavenças originadas à raiz das reformas.

Em 1561 já somavam nove conventos, o suficiente para justificar a ereção da Província de São José e, com isso, a redação das constituições. Por fim, em 1563 o Papa Pio IV, com a bula *In suprema militanti Ecclesiae*, ligou os “alcantarinos”, como eram chamados, ao ramo dos Frades Observantes, do qual eles constituiriam a parte mais vigorosa nos séculos seguintes.

Eminente santidade

Muito ainda poderia ser comentado a respeito das fadigas desse ardoroso reformador; contudo, há algo mais importante a apontar: sua fisionomia moral.

Considerando que todos os sucessos na vida de apostolado se devem a uma vida interior bem levada,⁴ a História comprova o quanto Frei Pedro se destacou nesse quesito. A sua força de atração, os inúmeros conventos que exitosa-

mente fundou, os milagres de conversão que no confessional realizava, tudo se apoiava, sem dúvida, numa intensa vida de oração, em jeuns e penitências.

Como, porém, colocar essa santidade em palavras? Talvez a descrição mais fiel seja a de uma Santa que teve a ventura de conhecê-lo de perto: Santa Teresa de Jesus, da qual Frei Pedro foi confessor.



Reprodução

Por meio de uma vida interior marcada por muita humildade, oração, jeuns e penitências, São Pedro de Alcântara atraiu a benevolência de Deus e obteve êxito nas obras de apostolado

“São Pedro de Alcântara confessando Santa Teresa”, por José García Hidalgo - Museu do Prado, Madri

caracterizava, e se criou a Custódia de São José.

O ideal do Santo de Alcântara triunfava, mas os ataques recrudesciam.

Decidiu ele retornar a Roma, para novamente recorrer ao auxílio do Sumo Pontífice. Apoiado por Paulo IV, que reconheceu suas eminentes virtudes, o reformador foi promovido a Comissário-Geral dos Menores Reformados

Segundo relata a reformadora do Carmelo, durante quarenta anos São Pedro de Alcântara dormiu apenas uma hora e meia por noite. Como se tal sacrifício não lhe parecesse suficiente, fazia-o sempre sentado, numa minúscula cela – de pouco mais de um metro e vinte de comprimento! –, o que lhe vedava qualquer conforto. Sua alimentação não podia ser mais austera. Era comum passar três dias sem comer; por vezes, chegava a oito dias sem satisfazer o irmão corpo!

Narra Santa Teresa: “Foi tal sua mortificação na mocidade que, segundo me contou, lhe havia acontecido estar três anos numa casa de sua Ordem sem conhecer frade algum a não ser pela fala, porque jamais levantava os olhos. Não sabia ir aos lugares onde o chamava o dever, a não ser andando atrás dos outros religiosos. O mesmo lhe acontecia pelos caminhos. Jamais olhou mulher alguma durante muitos anos”.⁵

Uma vida de tanta penitência e humildade não poderia deixar de atrair a benevolência de Deus. Conforme relata a santa carmelita, “foi seu fim semelhante à sua vida, pois morreu pregando e admoestando a seus religiosos. Quando viu que estava nas últimas, disse o Salmo: *Lætatus sum in his quæ dicta sunt mihi*;⁶ e, posto de joelhos, expirou”.⁷

Em inúmeras visões, a Santa o viu na glória celeste.

Muito longe de nós?

Curiosamente, terminado o relato da vida de São Pedro de Alcântara, talvez o leitor se encontre desencorajado em face de santidade tão extraordinária. Com efeito, o desânimo pode encon-

trar fácil abrigo na alma quando ela se depara com um ideal à primeira vista inalcançável. Essa, porém, não é a atitude correta.

Incorreto também seria pensar que tão grande austeridade fosse fruto de uma “supernatureza”. Pelo contrário: é certo que a santidade lhe custou muito.

Há ainda uma nociva conclusão a ser combatida: a de pensar que, para ser santo, todos devemos dormir, comer, vestir-se etc., exatamente como o santo franciscano o fez – ou não o fez...

Então, como proceder?

A resposta é simples de formular, embora difícil de praticar: devemos fazer, a nosso respeito, a vontade de Deus. As almas são diferentes, e para cada uma a Providência tem suas vias. O Santo de Alcântara deixava isso claro aos seus confidentes, quando lhes proibia empreender sacrifícios demasiado austeros – embora nem sequer se aproximassem aos que ele próprio praticava. O que o Senhor lhe pedia não era o mesmo que exigia de seu irmão.

Ainda assim, nessa diversidade de vias que conduzem à santidade, alguns elementos sempre estarão presentes: o sofrimento, a oração, a confiança e a luta. De formas diferentes e com medidas desiguais, eles se verificam na vida de todo católico e, se bem empregados, conduzem à pátria celeste.

Os mundanos julgarão tratar-se de uma existência triste demais. Mas a história de São Pedro de Alcântara nos oferece uma conclusão oposta. A par da rigorosa austeridade que ele mesmo se impôs, a Providência lhe concedeu insígnies dons, que superam qualquer fuição humana: incontáveis êxtases,

consolações inefáveis, a consciência tranquila pela missão cumprida – tudo isso se apresentou em sua vida como magníficos oásis.

Além disso, a sua própria presença tornou-se sustento para os demais, dentre os quais destacamos Santa Teresa, pois, em uma alma tão unida a Ele, Deus pode operar de forma superexcelente.

E há ainda algo mais, como ensina Dr. Plínio Corrêa de Oliveira: “Ter a força de alma para aguentar as decepções, calúnias, frustrações, enfim, tudo quanto o homem pode sofrer na vida, é um verdadeiro heroísmo. É uma tolice imaginar ser herói apenas quem combate de armas na mão. [...] Devemos entender que, na vida de todos os dias, temos ocasiões de praticar verdadeiramente o heroísmo”.⁸

Esta é justamente a lição que a vida de São Pedro de Alcântara nos oferece: quando o homem renuncia a si mesmo e põe-se inteiro ao serviço de Deus, ele se torna um autêntico herói!

Patrono do Brasil

Pelo testemunho de tantas virtudes é que esse frade espanhol foi canonizado no dia 28 de abril de 1669 e, devido à grande devoção que o Imperador do Brasil Dom Pedro I lhe tinha, ele quis confiar seus domínios a tão glorioso intercessor. Assim, desde 1826 o país tem São Pedro de Alcântara como patrono.

Que ele atue pois nesta nação a ele confiada e, com ímpeto ainda maior do que o demonstrado em vida, lute para que a Terra de Santa Cruz corresponda ao seu chamado, e seja habitada por heróis dignos do nome de cristãos. ✠

¹ Do latim: “Deus, que coloca o peso, põe a mão por baixo”.

² Ibid., p.78.

³ PIAT, OFM, Estefânio José. *São Pedro de Alcântara. Patrono do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1962, p.72. Os dados biográficos contidos no presente artigo foram tomados da mesma obra.

⁴ Doutrina apresentada por Jean-Baptiste Chautard (1858-1935), abade trapista de Sept-Fons, no célebre livro *A alma de todo apostolado*, redigido durante uma viagem ao Brasil e que se tornou o livro de cabeceira do Papa São Pio X.

⁵ SANTA TERESA DE JESUS. Livro da Vida, c.XXVII. In: *Obras Completas*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1961, t.I, p.215.

⁶ “Que alegria quando ouvi que me disseram [vamos à casa do Senhor]”, primeiras palavras do Salmo 121.

⁷ SANTA TERESA DE JESUS, op. cit.

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. São Pio V, herói em meio às angústias! In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano XIV. N.164 (nov., 2011), p.24.



“Viver é estar juntos, olhar-se e querer-se bem”

Após uma longa estadia de seu filho no continente europeu, Dona Lucilia exprimiria, ao calor das saudades, um novo conceito de viver.

✎ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

As dez horas da manhã do dia 29 de junho, Dr. Plínio embarcou em Paris com destino ao Brasil. Em nenhum momento precisara a data de seu regresso, com o objetivo de poupar a Dona Lucilia “a angústia da travessia”. No entanto, logo ao chegar ao Rio de Janeiro, pediu que sua mãe fosse avisada, a fim de com ela poder falar pelo telefone. Após cerca de dois longos meses de ausência, pôde ela ter uma longa “prosinha” com seu “queridão”.

“Filhão, graças a Deus, você é o mesmo!”

Na manhã seguinte, Dona Lucilia não seguiu a recomendação médica de repousar até mais tarde, com o intuito de deixar tudo pronto para receber seu filho. Havia mandado preparar um farto lanche a ser servido quando Dr. Plínio chegasse, pois certamente viria cansado da viagem e precisaria recompor as forças.

Uma vez tudo pronto, sentou-se à espera dele no *hall* do apartamento. Imenso foi o júbilo que lhe inundou a alma ao vê-lo assomar à porta. Abraços, beijos e bênçãos foram as primeiras manifestações de gáudio. Dona Lucilia, sempre idêntica a si própria, não poderia deixar de aliar aos extremos de alegria, uma infatigável vigilância. Após os afetuosíssimos cumprimentos, ela se afastou um pouco de seu filho e o fitou atentamente, com seu tranquilo, sereno, mas penetrante olhar. Dr. Plínio não entendeu logo qual a intenção de sua mãe, mas, na expectativa, nada lhe disse. Ao cabo de alguns instantes de observação, concluiu ela, contente:

— Filhão, graças a Deus, você é sempre o mesmo!

Dona Lucilia possuía uma virtuosa preocupação pela perseverança de seu filho, que crescia tanto quanto a estima que ela lhe devotava

Dr. Plínio em viagem à Europa, em 1950

A seguir, dirigiram-se todos à sala de jantar, onde Dr. Plínio contou as primeiras impressões da viagem, enquanto tomava o saboroso lanche que o esperava.

Vigilantes apreensões maternas

Aquela tocante atitude de Dona Lucilia revela como a virtuosa preocupação pela perseverança de seu filho não só não esmorecia com o passar dos anos, mas pelo contrário crescia tanto quanto a estima que ela lhe devotava. Apesar de conhecê-lo bastante bem e ter plena certeza de ser ele “o melhor dos filhos”, não se fazia qualquer ilusão acerca da natureza humana. E por isso jamais faria o seguinte raciocínio: “Plínio é muito bom filho, católico exemplar e, portanto, na Europa não corre risco algum! Posso ficar inteiramente tranqüila”.

Seu modo de ver a realidade era bem diverso e ela deve ter pensado o contrário: “É bem verdade que ele é um bom filho, mas, como todo homem, pode cair. A Europa é um continente de sedução e de prazeres. Ele vai com razoável quantia de dinheiro para gastar, levará uma vida bem diferente da que tem no Brasil. Irá a grandes restaurantes, estará em hotéis excelentes, de vida social intensa, frequentará a sociedade. Nos museus verá uma porção de obras de arte puras, mas outras que não o são. O que passará por seus olhos e por sua imaginação durante a viagem? Essa velha Europa, eu e ele a



admiramos tanto, mas... restituir-me-á ela meu filho tal e qual ele é, ou com o espírito desfavoravelmente marcado?"

Essas apreensões, acumuladas ao longo dos dois meses de ausência, foram logo dissipadas após os primeiros instantes de análise, feita, aliás, muito mais com o coração do que com as vistas. Agora ela poderia reconfortar-se com a presença de seu filho, que tanto tinha para lhe contar de quanto vira na velha Europa: as maravilhas da França, os esplendores de Roma, as glórias da Espanha, os encantos de Portugal.

Porém, a companhia dele não duraria muito tempo. Passados dois meses, um amigo de outro estado do Brasil propôs-lhe realizar ali um trabalho que, segundo julgava, poderia beneficiar a causa católica.

Nova separação

Dr. Plínio, apesar de ver poucas possibilidades de êxito no empreendimento, aceitou a proposta por amizade à pessoa que o convidava. Essas novas atividades exigiam dele a permanência por algum tempo no próprio local, e assim, em setembro, para lá partiu.

Levantava-se para Dona Lucília um novo dilema: por um lado desejava que seu filho obtivesse bom resultado, e nessa intenção rezava com ardor, mas, por outro, um eventual sucesso dele implicaria uma inevitável e mais prolongada separação.

Apesar de tudo, estava disposta a qualquer sacrifício em favor das exigências do apostolado. Numa carta enviada a Dr. Plínio, destacam-se palavras de conselho, perfumadas de sabedoria, nas quais o sentimento cede lugar à razão:

São Paulo, 28-IX-950

Filho querido!

Fui hoje à igreja de Stº Antonio, onde comunguei e rezei muito por ti para que sejas muito feliz [...], e possas estar logo de volta. Como a nossa casa fica insonsa e feia sem você! Mas também, quando você vem, entra a primavera! Roséei tem vindo com frequência, e ontem, em "vol d'oiseau",² esteve Maria Alice. Penso



Para Dona Lucília, conviver pouco com seu filho constituía um grande sofrimento, pois "viver é estar juntos, olhar-se e querer-se bem"

Dona Lucília em fins da década de 1950

que você e [seu amigo] devem estar bem cansados com este trabalho [...], e por isso, é conveniente que [ele] venha com você para descansar um pouco.

Pretendo, terminando esta, ir a um cinema, para contar depois a história para o meu queridão. Por maiores que sejam as minhas saudades, aconselho-te a que não voltes antes de saber o resultado [do trabalho] ahí, pois de outro modo, pode parecer pouco caso. Quando se faz qualquer coisa, faz-se bem feito, e até o fim. Paciência, paciência querido! Recomenda-me afectuosamente a [teu amigo].

Bem, querido, por hoje chega de prosa.

Com minhas bençãos, envio-te muitos beijos e abraços.

*De tua mãe extremosa,
Lucília*

"Viver é estar juntos, olhar-se e querer-se bem"

Conforme Dr. Plínio receava, o campo não fora bem preparado de modo a alcançar êxito, e por isso resolveu, para gáudio de Dona Lucília, retornar logo a São Paulo.

Ainda antes de ele dar a conhecer a sua mãe o desfecho de seu empreendimento, esteve em sua casa o amigo que o convidara. Este, conversando com Dona Lucília, disse-lhe graciosamente ter tudo corrido bem. Julgava, com isso, causar-lhe grande satisfação. O visitante obteve como resposta apenas uma reserva polida, sem entusiasmo.

Dr. Plínio notou a reação de Dona Lucília e estando com ela a sós, durante uma "prosinha", filialmente perguntou:

— Mãezinha, a senhora acreditou quando ele contou aquilo?

Ela respondeu:

— Sim.

— Surpreende-me que a senhora não tenha manifestado a menor alegria...

Ela então disse:

— Bem, você compreende que se tivesse obtido bom resultado em seus trabalhos, isso o obrigaria a se mudar para longe de casa e vir pouco aqui. E o convívio entre nós diminuiria muito! Para mim isso seria um grande sofrimento. Meu filho, viver é estar juntos, olhar-se e querer-se bem...

"Viver é estar juntos, olhar-se e querer-se bem..." A bela e luminosa frase superiormente exprime o que poderíamos chamar de concepção "luciliana" da vida! ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de: *Dona Lucília*.

Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, p.468-472

¹ Nascida no século XIX, Dona Lucília guardava o prisma de seu tempo de moçinha para analisar os perigos de uma travessia oceânica. *A fortiori* tratando-se de viagem de avião! Guardava viva lembrança do tempo em que a aeronáutica estava em seus primórdios, e eram comuns os acidentes fatais. E mesmo em 1950, não lhe serviria de consolo o fato de se terem tornado rotineiros e seguros os percursos aéreos intercontinentais.

² Do francês: literalmente, voo de pássaro; usado no sentido de rapidamente, de passagem.



Stephen Nami

Stephen Nami



Fotos: João Paulo Rodrigues

Joinville (SC) – No dia 14 de agosto, o Arcebispo Metropolitano de Joinville, Dom Francisco Carlos Bach, presidiu a Missa de dedicação e bênção do altar do Oratório Nossa Senhora do Triunfo, confiado aos Arautos do Evangelho, concelebrada por numerosos sacerdotes da arquidiocese e da instituição.



Fotos: Sergio Céspedes

Aparecida (SP) – A XVI Peregrinação Nacional do Apostolado do Oratório “Maria, Rainha do Corações” ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida se iniciou no dia 7 de agosto, com uma Missa presidida pelo Arcebispo Metropolitano, Dom Mário Antônio da Silva, na basílica velha. No dia seguinte, houve a recitação do Terço na Tribuna Bento XVI (foto 1) e a Celebração Eucarística de encerramento, presidida por Dom Benedito Beni dos Santos, Bispo Emérito de Lorena (fotos 2 e 3).

Onde encontrar a verdade?

"Igreja: mestra da verdade" foi o tema do Congresso Tomista realizado nos dias 7 e 8 de agosto, no complexo da Basílica Nossa Senhora do Rosário, em Caieiras (SP), e da Basílica Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Embu das Artes (SP). Eucaristia diária, conferências, *workshops*, mesas-redondas e apresentações musicais, entremeados de um ameno convívio, fizeram parte da intensa programação.

O pensamento tomista a respeito da verdade – considerada em sua relação com a filosofia contemporânea, com a psicoterapia, com a virtude da caridade e com a vida humana, entre outros –, bem como a missão de ensinar confiada à Igreja, foram alguns dos temas abordados. Entre os palestrantes esteve o Pe. Ignacio Andereggen, professor em diversas universidades pontifícias.



Fotos: Stephen Nami



Roberto Cochrowski

Exército e Aeronáutica – No mês de agosto, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria visitou o Centro Tecnológico da Aeronáutica em São José dos Campos (SP), para uma Santa Missa seguida de um concerto (fotos 1 e 2). Uma apresentação musical preparada pelos Arautos do Evangelho marcou também, no dia 19 de agosto, as comemorações pelo 156º aniversário de fundação do Batalhão Dom Pedro II, do Exército Brasileiro, na Catedral de Petrópolis (foto 3).

Fotos: Cezar Fabri



Stefano Gavilanes



Eduardo Corpeño



Juan José Villena

Equador – Nos meses de julho e agosto, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria visitou a localidade de Puerto Limón (foto 1), bem como a Base Naval Sul da Marinha do Equador, a fim de abençoar os navios da corporação e suas tripulações (foto 2), e a Unidade Educativa São José de Calasanz (foto 3), ambas em Guayaquil.

Fotos: Chris Coutinho



Índia – A Igreja Sagrada Família, na cidade de Bangalore, tornou-se pequena para acolher os seis mil fiéis desejosos de venerar a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria, durante sua visita à paróquia. No dia 8 de agosto houve a recitação das mil Ave-Marias a Nossa Senhora, e no dia 9 a celebração da Santa Missa.

Fotos: Alejandro Costantini



Argentina – A Paróquia Nossa Senhora de Montserrat, em Buenos Aires, recebeu no dia 22 de julho a “schola cantorum” da Igreja Nossa Senhora de Fátima de Tocancipá, Colômbia, para uma apresentação musical, precedida da celebração da Santa Missa e da solene coroação da Imagem do Imaculado Coração de Maria.

Paraguai celebra sua Padroeira

Os membros dos Arautos do Evangelho participaram ativamente das comemorações em honra a Nossa Senhora da Assunção, no Paraguai. No dia 5 de agosto, houve a procissão de traslado da imagem da Santíssima Virgem de sua capela no Panteão Nacional dos Heróis até a Catedral de Assunção (fotos 1 e 2), seguida da Santa Missa presidida pelo Cardeal Adalberto Martínez Flores, Arcebispo Metropolitano (fotos 3 e 4). Na véspera da solenidade foi inaugurada uma imagem da padroeira na principal avenida da capital, com a presença do

Cardeal Arcebispo, do Núncio Apostólico no país, Dom Vincenzo Turturro, e do Presidente da República, Sr. Santiago Peña Palacios, acompanhado da primeira-dama e de seu gabinete (fotos 5 e 6). Neste dia a Missa da vigília, celebrada por Dom Turturro, contou com a participação de uma comitiva da Paróquia Santo Isidoro Lavrador, da cidade de Limpio, confiada aos Arautos (foto 7). A solene procissão e a Eucaristia do dia 15 de agosto foram presididas pelo Cardeal Martínez Flores, na catedral (foto 8).



Fotos: Preetham D'Silva

Presidência da República do Paraguai

Francisco Espínola



Castelo de Chambord

Magnífico crepúsculo da Idade Média

Deste castelo incomparável e misterioso não restaram os planos de construção, desconhece-se seu arquiteto e nem mesmo se sabe o que motivou sua edificação. Mas é possível desvelar uma parte do segredo.

✎ Daniel Restrepo Estrada



As margens do rio Cosson, na França, surge imponente o castelo de Chambord. A planície que se espalha, o bosque que o circunda, as águas que o refletem, tudo contribui para constituir uma moldura apropriada ao palácio, transformando o panorama numa verdadeira joia.

Ali, o castelo aparece como um lenitivo ao espírito humano em sua procura pelo maravilhoso. Por isso, numerosos são os visitantes que acorrem a contemplá-lo. A diversidade de proveniências dos transeuntes é acompanhada, entretanto, por diferentes estados de espírito.

Há aqueles – a maioria – que apenas desejam atender à curiosidade. Outros, ao contrário, acorrem atraídos por enigmas históricos e arquiteturais que pervadem o edifício. Por último, há também almas que veem no castelo uma relíquia da Civilização Cristã e o percorrem como que em peregrinação. Em todo o caso, lidamos aqui com o mistério.

Um sonho em pedra, de dimensões extraordinárias

O castelo, com efeito, é apaixonantemente misterioso. Não restaram os

planos de construção e nem mesmo se sabe os motivos que levaram Francisco I a construir esse belo e suntuoso edifício. Contudo, graças aos estudos dos pesquisadores, é possível desvelar uma parte do segredo.¹

No ano do Senhor de 1515, o filho de Luísa de Saboia, Francisco I, de apenas vinte anos, sucedeu no trono da França seu primo Luís XII, que morreu sem deixar herdeiro direto. A glória e o prestígio o cercavam, e sua imponente figura personificava todo o seu poder.

Não obstante o peso do cetro, a paixão pela caça o levava até o mais profundo dos bosques no vale do Loire. Entre as florestas e charcos da região, Chambord era seu local preferido, por estar afastado do mundo e das preocupações. O lugar atendia eximamente sua aspiração de realizar, em pedra, uma obra de grandeza extraordinária. Desejoso de construir ali um castelo de caça, o rei ordenou em 1519 que começassem as obras, as quais terminariam em apenas trinta anos.

Se atentamos para a grandeza do edifício, para a sua complexidade e para sua aparente inutilidade – afinal,

não passava de uma pousada para correrias através da floresta –, a rapidez da construção não deixa de assombrar e de propor certas questões. Qual a “pré-história” do castelo? Que outros motivos havia por detrás daquelas paredes? Que gênio o idealizou tão prontamente?

Herança de um glorioso passado

Quem quer que pretenda responder à primeira das perguntas acima, vê-se imerso desde já numa dificuldade prática: os principais documentos sobre a construção de Chambord desapareceram no século XVII... Restam-nos apenas fragmentos, como esta curta menção em uma carta de Francisco I: “Há algum tempo – escrevia o rei – começamos a construção de um belo e suntuoso edifício no lugar chamado Chambord, perto da nossa cidade de Blois”. Assim, para decifrar alguns dos passos iniciais de sua história só nos sobra um documento inteiro, sólido e enigmático: o próprio castelo!

O primeiro deles encontra-se sepultado sob as águas do fosso. Recentes estudos arqueológicos descobriram ali vestígios de uma construção ante-

rior. O famoso palácio de Chambord erguer-se-ia, então, sobre as bases de um outro castelo. Como seria este? Na biblioteca de Blois encontram-se três documentos que deitam luz sobre o assunto: dois fazem referência a uma construção naquela zona, e o terceiro – uma ata que Luís XII, o imediato antecessor de Francisco, assina no local – indica que havia ali uma habitação digna da estadia de um rei da França.

Numa de suas caçadas, Francisco I provavelmente teria visto o castelo, isolado e erguido entre os pântanos, como que a representar o espírito medieval já então em franca extinção. As antigas façanhas da cavalaria, o heroísmo de outrora, as peregrinações a Jerusalém que tanto haviam honrado o nome da França: todas essas gloriosas recordações pareciam perpetuar-se na fortaleza do medievo. Levado, então, pelas saudades daquele mundo fabuloso, o monarca quis concretizar tal sonho num magnífico edifício. Não é por acaso que Chambord guarda aspectos de um castelo feudal. Basta olharmos as torres e o fosso. E, perpetuando o passado, o rei almejou, ao mesmo tempo, atingir um píncaro ainda mais majestoso.

Temos desvelada pelo menos uma parcela do mistério. Sabemos que é

filho da Cristandade medieval e das saudades que dela tinha o rei da França. Continuemos a “ler” o castelo, na esperança de encontrarmos mais algumas peças do quebra-cabeças.

Harmonia e assimetria

Se entrarmos pela porta principal, logo somos surpreendidos por um pormenor de arquitetura, inédito e genial. O saguão principal é dominado por uma bem pouco discreta escadaria central. Composta por dois lances de escadas independentes e entrelaçados – de modo que quem sobe não se cruza com quem desce –, em torno dela gira o edifício. Após diversas investigações, chegou-se à conclusão de que todos os espaços são simétricos em relação a esse único modelo, a base da escadaria central. Ela é a coluna vertebral do colosso.

Apesar desse princípio de coesão e ordem, há uma peculiar “incoerência” observada no castelo. Todas as fachadas são diferentes. Como explicar tal assimetria numa edificação de tão evidente harmonia? Inicialmente acreditou-se não passar de um equívoco durante a construção. Sem embargo, ao se analisar o plano descobriu-se que o “erro” é mais grave do que aparece à primeira vista. A própria planta do castelo

apresenta anomalias aparentemente absurdas. Vendo o plano, os quatro aposentos distribuídos em cada piso têm a mesma orientação, exceto um. Decorre que o número de sacadas resulta diferente em cada fachada.

Devemos supor, portanto, que houve um plano primeiro que não foi seguido. O Chambord que conhecemos não é o mesmo que estava previsto. Como deveria ter sido? Arquitetos se esforçaram recentemente por achar a fórmula que remediaria essas incongruências. E encontraram. Bastou fazer com que a planta da edificação girasse toda em um mesmo sentido, como uma grande hélice, tendo a escadaria como eixo. Os cômodos estariam simetricamente dispostos, todas as fachadas seriam idênticas, tudo se harmonizaria.

Os erros seriam apenas o resultado de adaptações para facilitar a circulação dos visitantes. O arquiteto não tivera essa preocupação prática. Seus intentos eram bem mais artísticos. E essa consideração nos reconduz a uma questão já posta acima: que gênio idealizou o castelo? Voltemos alguns anos na História.



O Castelo de Chambord, filho da Cristandade medieval e das saudades que dela tinha o rei da França, aparece como um lenitivo ao espírito humano em sua procura pelo maravilhoso

À esquerda, vista aérea do Castelo de Chambord (França); acima, escadarias centrais do edifício. Na página anterior, vista da fachada noroeste

E o arquiteto?

Recém-coroadado, Francisco I reconquista o Ducado de Milão. Estando ali, aproveita para admirar algumas joias da Renascença e conhecer pessoalmente um dos grandes mestres do tempo: Leonardo da Vinci. E, pouco depois, surgem os projetos do castelo de Chambord... Curioso.

Da Vinci estava interessado em construções rodeadas de paisagem, em planos centralizados, em escadarias com diversas revoluções. Mas em todas essas apetências, que ele deixou desenhadas em seus cadernos, percebe-se a aspiração por uma arquitetura de coerência perfeita. Parece até uma pré-descrição de Chambord que, ademais, possui indistigáveis toques italianos.

Consideradas essas coincidências, não teria sido o próprio Leonardo da Vinci o arquiteto do castelo? Há fortes indícios nesse sentido. Edificação tão original e tão cheia de gênio dificilmente surgiria sem a mão do famoso artista, então residente na França. Se ele não foi o artífice, parece ao menos improvável que tenha ficado à margem da obra, uma vez que se conceberam os projetos enquanto vivia, se bem que por pouco tempo. Ele faleceu logo antes do início da construção, aos sessenta e sete anos, deixando a outros a sua execução.

A quem? Mais um mistério. Temos apenas uma referência: numa ata financeira de maquetes do castelo, cons-

ta o nome de Domenico de Cortone, um dos numerosos artistas italianos da corte. Supõe-se, por isso, ter sido ele o responsável por concretizar o sonho em pedra de Da Vinci... e também por introduzir as modificações no plano original e as irregularidades já mencionadas. Contingências esperadas quando se herda a obra de um gênio.

Se é verdade, entretanto, que o mentor abandonou a obra idealizada, há alguém que não cessou de acompanhar a concretização de tal prodígio e de nele projetar seus ideais: o próprio rei. Uma obstinação ímpar levou-o a continuar edificação tão penosa para as finanças, apesar das adversidades que logo pervadiram seu reinado.

Em 1519, Carlos V tornou-se o imperador. Francisco I, além de não conseguir para a si a coroa do Sacro Império, perderia mais tarde o Ducado de Milão para seu rival espanhol. Numa tentativa de recuperar este território, em 1525 o rei da França foi ferido e capturado. As obras do castelo viram-se detidas com seu senhor...

Somente ao voltar do cativeiro é que Francisco I pôde dar continuidade ao projeto, abandonado por quinze meses.

Chambord emerge da terra, grandioso e paradoxal.

Um paradoxo, um mistério, um símbolo

Paradoxal, sim, e por muitas razões. Em primeiro lugar, pela localização do

palácio: a silhueta desse castelo de conto de fadas se delineia sobre um terreno pantanoso. A construção, por sua vez, inspira-se visivelmente em castelos medievais de fins do século XIV, sem deixar, entretanto, de plasmar certas notas típicas italianas. Assim, trata-se de uma construção profundamente singular, por seus grandes traços a um só tempo feudais e renascentistas.

Mas talvez não seja esse o principal mistério que o envolve. Símbolo do reinado de Francisco I e da espantosa persistência deste em concluir a maior obra arquitetônica de sua vida, Chambord apresenta uma enorme desproporção entre os esforços despendidos em sua edificação e os resultados práticos que dela resultaram. Conjectura-se que, no total, o rei passou apenas algumas semanas de seu reinado no castelo. Os numerosos quartos destinados a alojar a corte estiveram quase sempre vazios de moradores e mobiliário. Só quando o rei decidiu habitá-lo por alguns dias é que se levava um mínimo de móveis e tesouros artísticos para os aposentos. Como explicar, pois, a sede insaciável pela perfeição de que deu mostras o monarca?

Só uma razão explica: Chambord não foi edificado para alojar, mas para simbolizar. O rei da França quis erigir um emblema.

Cabe-nos perguntar: emblema de quê?

Como explicar os mistérios em torno de Chambord? O castelo não foi edificado para alojar, mas sim para simbolizar: Francisco I quis erigir um emblema de um ocaso

Vista do castelo ao amanhecer; em destaque, retrato de Francisco I, por Jean Clouet - Museu do Louvre, Paris



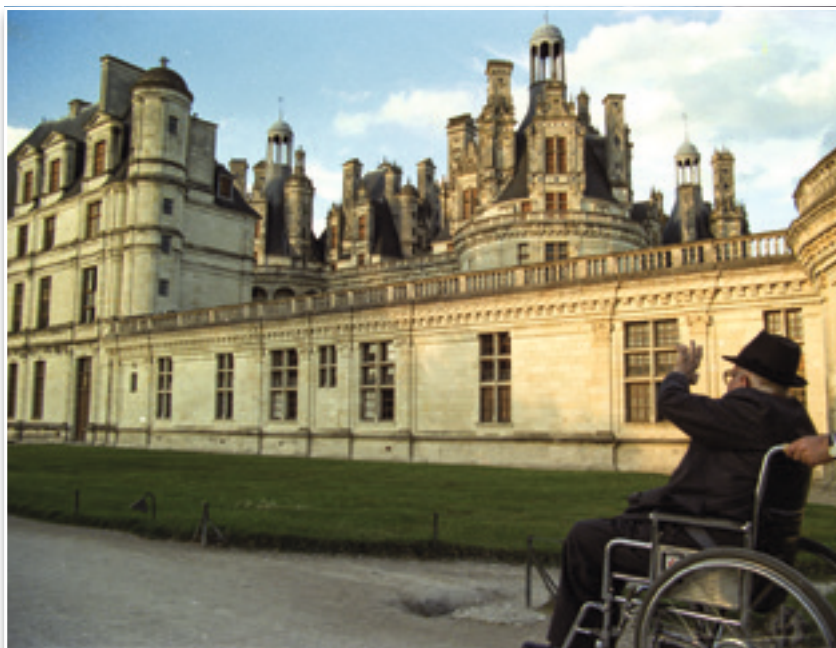
O ocaso vingado

14 de outubro de 1988. Talvez pela primeira vez, o antigo castelo de Francisco I recebia, não um visitante, um turista ou um historiador, mas um peregrino. Dr. Plínio Corrêa de Oliveira se aproximava do edifício, não só pelo deleite de conhecê-lo, mas sobretudo por amor à Civilização Cristã da qual o monumento era uma expressão.

Chambord, comentava ele, é um dos castelos mais insígnies do mundo, de uma perfeição inesperada, no qual o Céu domina a terra, a fé domina a vida concreta e o espírito domina a matéria. Nele se condensam os “restos da graça que soprou sobre a Europa e deu origem à Idade Média, pondo-se séculos depois, lentamente, como um sol esplendoroso”,² como “uma das irradiações desse ocaso da Civilização medieval, um ocaso magnífico, como magnífica é também a Cristandade”.³ E Dr. Plínio podia então contemplar de perto aquela maravilha.

O peregrino permaneceu um bom tempo junto a Chambord, ora elogiando a beleza da construção, ora a do crepúsculo naquela fria tarde de outono. Entretanto, em certo momento os circunstantes perceberam, por sua fisionomia, que algo de muito alto se passava. Enquanto contemplava o castelo emoldurado pelas cores do poente, Dr. Plínio parecia adentrar num mistério, vislumbrando uma perfeição que transcendia o próprio palácio.

Meses mais tarde, interrogado por seus filhos espirituais, ele levantou um pouco o véu desse mistério. Confessou tratar-se, de fato, de uma experiência mística que tivera, ao modo angélico. E, para o assombro de todos, reproduziu as palavras ouvidas em seu interior: “Isto está abandonado, está transformado num esqueleto vazio e sem carne. [...] A



Arquivo Revista

“Embora o castelo não tenha sido feito por Deus diretamente, Ele pode ter inspirado, suscitado nos homens o desejo de fazer Chambord, correspondendo a um Anjo de Chambord que Ele tem e manda para lá”

Dr. Plínio contempla o Castelo de Chambord em outubro de 1988

vocês eu me mostro assim. Ressuscitai-me e vingai-me!”⁴ Quem seria o ilustre visitante que lhe incutiu tais inspirações? Um Anjo? O enigma de Chambord continuava indecifrável...

Um ano antes de seu falecimento, ele ainda proferiria estas imperscrutáveis palavras: “Nada me interessa tanto quanto um certo espírito que se evolui do *Château* de Chambord, é mais bonito que o próprio *château* e poderia ser um Anjo. Embora o castelo não tenha sido feito por Deus diretamente – Ele é apenas a causa primeira – Deus pode ter inspirado, suscitado nos homens o desejo de fazer Chambord, correspondendo a um Anjo de Chambord que Ele tem e manda para lá”.⁵

Tudo leva a crer que, pela primeira vez na História, um homem desvendara, ao menos em parte, os mistérios

que cercavam o emblemático castelo: sua localização inusitada, a insistência do rei cavaleiro em concluir uma obra-prima quase desprovida de objetivo prático, o anonimato de seu arquiteto, a perfeição de suas proporções, a sua incomensurável beleza. Onde nem historiadores, nem pesquisas científicas poderiam chegar, alcançou aquela inspiração, quando aprovou a Deus que se entabulasse um diálogo entre um varão de fé e o “artífice espiritual” de um dos mais belos castelos do mundo.

A partir de então, Chambord deixava de ser um mistério aos olhos dos homens. Passava a ser desígnio. Sim, um desígnio divino e providencial, realizado quando um respeitável ancião soube ler algo que os documentos não trazem e divisar valores sobrenaturais que transcendem as pedras de um edifício. ✠

¹ Os dados históricos contidos neste artigo foram extraídos do documentário *Chambord. Le château, le roi et l'architecte*, de Marc Jampolsky.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Magnífico crepúsculo da Idade Média. In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano II. N.12 (mar., 1999), p.33.

³ Idem. Combati o bom combate. In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano XI. N.129 (dez., 2008), p.28

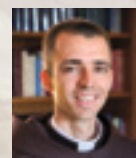
⁴ Idem. *Palestra*. São Paulo, 17/4/1994.

⁵ Ibid.

Cartas que revelam a alma católica

Seis cartas, cujos autores são apresentados abaixo, demonstram o poder transformante da Fé Católica nas almas que, filhas de Deus pelo Batismo, sentam-se “junto dos grandes de seu povo” (Sl 112, 8).

✠ Diác. Gabriel Borges Bonfim Silva, EP



Em artigo anterior,¹ lançou-se um desafio aos leitores: descobrir o autor das cartas cujas fotografias acompanham novamente estas páginas.

A primeira revelação, sem dúvida, superará as hipóteses iniciais: as missivas não estão redigidas em português, nem inglês, nem francês ou holandês, mas... em tupi antigo! Há quase quatro séculos, esses seis manuscritos permanecem guardados na Biblioteca Real dos Países Baixos, em Haia, e foram traduzidos pelo filólogo Eduardo de Almeida Navarro, com notável mérito, apenas em 2022.² Espera-se que o importante contexto histórico que as envolve seja conhecido por grande parte dos brasileiros.

Em 1624 os holandeses calvinistas, financiados pela Companhia das Índias Ocidentais, tentaram invadir a Bahia e foram repelidos por uma força militar conjunta de Portugal e da Espanha – a chamada Armada Luso-Espanhola – no ano seguinte. Nesse período, porém, estabeleceram relações com parte

dos indígenas da Paraíba, os potiguaras – *poti uara*, em tupi, *comedores de camarão*. Pedro Poti com mais vinte índios partiram com os holandeses, abandonaram o Catolicismo no qual haviam sido batizados e tornaram-se radicalmente calvinistas. Para os demais potiguaras, tratou-se de uma grave traição a seu povo, aos portugueses e sobretudo à Fé Católica – abraçada por seus pais –, e a reconciliação só voltaria a ser possível, em alguma medida, quando o conflito culminasse no campo de batalha.

Cinco anos depois, os holandeses atacaram a Capitania de Pernambuco e conquistaram boa parte do litoral nordestino, dando início a vinte e quatro anos de ocupação. Em 13 de junho de 1645, principiou a rebelião contra o domínio holandês. Episódios marcados por perseguição religiosa e violência – como os massacres de Cunhaú e Uruaçu, no atual Rio Grande do Norte – intensificaram o rompimento e consolidaram a resistência.

Entre os comandantes da insurreição estavam João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, Antônio Dias Cardoso, Henrique Dias, filho de escravos africanos, e Felipe Camarão, potiguara que recebeu o título de capitão-mor de todos os índios.

É nesse clímax da história que se situam as seis cartas aqui mencionadas, datadas de 19 de agosto a 21 de outubro de 1645. Três são de Felipe Camarão. Escreveram também o Capitão Simão Soares, Diogo da Costa e Diogo Pinheiro Camarão. As cartas compartilham um mesmo objetivo: convencer seus destinatários – em especial Pedro Poti, que atuava como intérprete e intermediava alianças indígenas – a abandonarem o campo inimigo e retornarem às suas famílias e à verdadeira religião.

Nelas se destacam não só a distinta caligrafia, mas, sobretudo, a nobreza de sentimentos e a profundidade da fé que perpassam o texto. As introduções solenes e afáveis fazem lembrar as



Fotos: Reprodução

Acima, carta de Antônio Felipe Camarão a Antônio Paraupaba, de 4 de outubro de 1645; à direita, assinatura e retrato do autor da missiva - Museu do Estado de Pernambuco, Recife. Na página anterior, da esquerda para a direita: cartas de Diogo Pinheiro Camarão e de Diogo da Costa a Pedro Poti, de 21 de outubro de 1645 e 17 de outubro de 1645, respectivamente. Ao fundo, “Batalha dos Guararapes”, por Victor Meirelles - Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro

epístolas do Apóstolo São Paulo. A delicadeza das expressões assemelha-se à de São João Evangelista: “Que o próprio Deus chegue com minha cartinha para tua salvação, ó meu irmãozinho Pedro Poti”, introduziu o índio Diogo da Costa. A preocupação é, antes de tudo, com a salvação eterna do irmão. Mais adiante ele apela, pungentemente, ao vínculo fraterno: “Saí, sem pensar mais, assim que leres esta minha carta. Por que estás gostando dos homens maus? E de mim tu não gostas? Por quê?”

Felipe Camarão, capitão-mor dos índios, assim escreve a Pedro Poti em 19 de agosto de 1645, pouco tempo depois do massacre de Cunhaú, quando alguns indígenas do lado holandês, comandados por Jacob Rabi, chacinaram um conjunto de fiéis com o sacerdote Santo André de Soveral, durante uma Missa, ocasião em que uma das vítimas teve seu coração arrancado pelas costas: “Mando-lhes determinações novamente, por os amar de fato. Por quê? Por ser eu, na ver-

dade, o pai verdadeiro de todos, para que vocês não percam sua salvação”. Noutra passagem, Felipe Camarão dá mostras dos sentimentos cavaleirescos que habitavam as almas potiguaras e da amizade profunda que reinava entre portugueses e indígenas: “Se tu fizeres isso para *El Rey*, será uma ação muito grandiosa de ti”.

As cartas sugerem a existência de vários elementos que destoam da História brasileira como é pintada frequentemente. Se esses indígenas foram capazes de redigir com tanta desenvoltura e elevação na própria língua, em cujo regaço encontrariam as melhores expressões para os seus sentimentos, isso se deve, em grande medida, a um pugilo de sacerdotes heroicos, como São José de Anchieta, que em décadas anteriores transmitiu-lhes a Fé e ofereceu-lhes um alfabeto e uma gramática. Não foram poucos os momentos em que a Igreja e a civilização, ao se depararem com as raízes indígenas, as respeitaram, protegeram e fecundaram com uma nova seiva, para que

produzissem doces frutos, os quais elas jamais conheceriam se fossem abandonadas no seu estado primitivo.

Considerando que os indígenas mantinham contato mais direto com os portugueses havia relativamente pouco tempo – cerca de um século e meio –, o episódio torna-se ainda mais expressivo. De todos os modos, vale reconhecer o papel de sacerdotes, educadores e lideranças que atuaram nesse processo fundador do Brasil, especialmente na Insurreição Pernambucana, reunindo, em diferentes circunstâncias, batalhadores de origem europeia, indígena e africana. ✦

¹ Artigo *Cartas e “e-mails”, autógrafos e automatismos*, publicado, nesta mesma seção, na edição de setembro de nossa Revista.

² Cf. NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Transcrição e tradução integral anotada das cartas dos índios Camarões, escritas em 1645 em tupi antigo*. In: www.scielo.br.

Mãe de todos os predestinados

Desde que Maria formou o Chefe dos predestinados, que é Jesus Cristo, a Ela também compete formar os membros desse Chefe, que são os verdadeiros cristãos; pois uma mãe não forma a cabeça sem os membros, nem os membros sem a cabeça.

Quem quiser, pois, ser membro de Jesus Cristo, cheio de graça e de verdade, deve ser formado em Maria por meio da graça de Jesus Cristo, que n'Ela reside em toda a plenitude, para ser plenamente comunicada aos verdadeiros membros de Jesus Cristo e aos seus verdadeiros filhos.

São Luís Maria Grignon de Montfort